

# Caminhos e invenções de santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII. (Alguns dados, problemas e sugestões)

## 1. Experiência "beata": desconfiança e desconforto

Falar das quedas públicas e «embustes» de Arcângela do Sacramento, de Soror Maria da Visitação, de uma qualquer penitenciada ou penitenciado do Santo Ofício, ou, pelo contrário, do prestígio de qualquer virtuosa pessoa, na *vox populi* finada em "odor de santidade"<sup>1</sup>, e cuja vida e memória tenham logrado ultrapassar o crivo analítico das autoridades religiosas hierarquicamente constituídas, implica, em última análise, reflectir sobre as possibilidades e modelos de afirmação de santidade então disponíveis na Igreja, e face aos quais, conscientemente ou não, uns se tornaram credores de condenação e castigo, e outros de consideração e triunfo.

Destes dois nomes e trajectórias evocadas, da famosa e nobilíssima Soror Maria da Visitação, a *Monja de Lisboa*, e da plebeia e beiroa Arcângela Henriques ou do Sacramento - dois exemplos entre tantos - interessa-nos sobretudo focalizar a nossa atenção nesta última, não apenas por ter protagonizado um caso praticamente desconhecido, não apenas pela associação dos seus «erros» e «enganos» a uma nova «peste» perseguida pela inquisição - o «*molinismo*» - mas também na medida em que, como leiga-beata e jovem mulher de extracção popular, humilde filha de lavradores, sabendo ler e escrever mas declarando-se sem «ciência alguma»<sup>2</sup>, ela parece ilustrar significativamente, nos finais do século XVII, a situação espiritual de grande parte do nosso "laicado". Situação essa, sem dúvida, de continuidade de um longo impasse: os leigos, mesmo nas

---

<sup>1</sup> Sem nos desviarmos do nosso âmbito - a história cultural - importa, ainda assim, recordar que o conceito de santidade, central não apenas na religião cristã, se dirige, em última análise e em sentido pleno, à qualificação de Deus. As criaturas são santas na dependência e participação da santidade de Deus. É pelo baptismo que os cristãos se inserem, formalmente, numa dinâmica de santificação, uma vez que se tornam filhos de Deus em Jesus Cristo, devendo todo o seu agir ser revelador desta identidade (cf. I Pedro I, 15-16).

<sup>2</sup> Cf. A. N. T. T., *Inquisição de Coimbra, Proc. 7619, 2.ª Parte, (Sessão 16, Genealogia)*, fl. 83v.º

camadas humildes, podiam aspirar a formas mais elevadas de oração, podiam aceder a formas de oração mental, gradualmente popularizadas, mas nessa busca de santificação pessoal, não chegavam, geralmente, a ser capazes de dar corpo a uma espiritualidade própria, distinta da clerical e religiosa. Por isso, de um conjunto abundantíssimo de *relações de vidas*, veremos continuar por muito tempo a sobrepujar a proposta de um modelo de vida e santidade para religiosos. Por isso, no que toca às mulheres - segmento com maior protagonismo, pela própria carência, também maior, de afirmação social - o surgimento de beatas e de recolhimentos das mesmas, os beatérios, situação híbrida, de compromisso entre o século e a religião<sup>3</sup>, continuará, algo surpreendentemente, a ser um fenómeno vivaz, embora sob atracção e tutela religiosa e quase sempre culminando em novos estabelecimentos conventuais<sup>4</sup>. Tendo, para ser santa, enveredado por uma vida de beata - o que, significativamente, queria dizer, na época, mulher secular que, pela reforma de vida e hábito, parecia religiosa<sup>5</sup> - quando, na Serra da Estrela, Arcângela Henriques ou do Sacramento foi capturada pelo Santo Ofício, ela encabeçara um recolhimento de mulheres cuja ambição era afinal afirmar-se no conceito público como uma nova e prestigiosa fundação religiosa.

Importa tentar transportarmo-nos para a época. Numa sociedade secularizada, os tempos de hoje tornaram-se, acima de tudo, tempos de valorização do mundo dos leigos. O Concílio Vaticano II não apenas

<sup>3</sup> Sobre este carácter - desconfortável - de compromisso, leia-se a caracterização feita por Carmelo LISÓN TOLOSANA, *Demonios y exorcismos en los siglos de oro*, Madrid, 1990, 44-46.

<sup>4</sup> Cf. v. g. António Montes MOREIRA, *Breve história das clarissas em Portugal*, in *Archivo Ibero-Americano*, LIV/213-214 (1994), 213-220. Cf. Angel RIESCO TERRERO, *Tres documentos interesantes (siglo XVI) para el conocimiento del origen y transformacion del "beaterio" de Alhama de Granada en Convento de RR. Clarisas de la Concepcion, vulgo de "San Diego"*, in *Archivo Ibero-Americano*, LIV/215-216 (1994), 789-799. Na sua relativa e natural diversidade, a constituição e funcionamento deste tipo de recolhimentos femininos manteve-se até tarde pujante na América Latina, pelas rigorosas limitações e dificuldades metropolitanas postas na fundação de mosteiros de religiosas. Cf. Eugénio dos SANTOS, *O monacato feminino no Brasil durante a época moderna*, in *I Congreso Internacional del Monacato Femenino en España, Portugal y America (1492-1992)*, t. I, Leon, 1993, 469-482; Leila M. ALGRANTI, *Vida religiosa feminina no Brasil colonial: conventos e recolhimentos*, in *I Congreso Internacional del Monacato...*, t. I, 483-494. Cf. M.<sup>a</sup> Isabel VIFORCOS MARINAS, *El beaterio quiteño de Nuestra Señora de la Merced y sus fallidos intentos de transformacion en Convento (1730-1758)*, in *I Congreso Internacional del Monacato...*, t. I, 357-365; Carlos ALVAREZ NOGAL, *El beaterio de Santa Catalina en Manila*, in *I Congreso Internacional del Monacato...*, t. I, 521-528.

<sup>5</sup> «Chamamos beatas hoje às mulheres seculares, que sendo mais reformadas na vida e no seu hábito parecem religiosas, o qual nome se deu já antigamente no Concílio IX de Hespanha, celebrado pelos annos de 655, às donzellas que se consagrão a Deos e são bemaventuradas por este seu sacrificio» - Frei Manuel da Esperança, *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, Primeira Parte, Lisboa, 1656, 560.

reafirma o velho e fundamental princípio da vocação de todos os crentes à santidade, como, valorizando uma diversidade complementar de caminhos e ministérios no seio da Igreja, reconhece aos leigos um especial e insubstituível papel na iluminação e ordenação das realidades temporais, segundo o espírito de Cristo<sup>6</sup>. Mas até aos nossos dias há todo um largo percurso, lento, complexo, por vezes sinuoso e polémico de reivindicação da dignidade específica da condição leiga e do estado de vida dos casados como meio seguro de santificação, fora da vocação religiosa e do estado clerical.

Tendo-se concebido, de facto, na época feudal, a vida *no mundo* como algo muito dificilmente compatível, na prática, com a perfeição cristã<sup>7</sup>, e não obstante recomposições religiosas, políticas e sociais posteriores, que foram transfigurando as representações da santidade<sup>8</sup>, Philippe Ariès considerou que, face à concepção doutrinariamente generalizada durante a Idade Média e ainda nos começos do século XVI da preeminência da vida religiosa sobre a vida laical, «foi preciso esperar o fim do século XVI, o tempo da *Philotée* de São Francisco de Sales, ou, no século XVII, o exemplo dos senhores de Port-Royal - e, de modo mais geral, de todos esses leigos empenhados em importantes atividades religiosas, teológicas, espirituais e místicas - para que se admitisse a possibilidade de uma santificação fora da vocação religiosa, na prática dos deveres civis»<sup>9</sup>. Mesmo com importantes matizações relativizantes<sup>10</sup>, reconhecendo que o problema da espiritualidade do casamento e da "santificação" dos casados se

<sup>6</sup> Cf. *Lumen Gentium*, Caps. IV e V. Cf. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Christifideles laici*, Cap. I, nms15, 16 e 17.

<sup>7</sup> André VAUCHEZ, *La sainteté en Occident aux derniers siècles du moyen âge*, Roma, 1988, 410.

<sup>8</sup> - Cf. Guy LOBRICHON, *La religion des laïcs en Occident, XI.e- XV.e Siècles*, Paris, 1994, 173-205; cf. Giulia BARONE, *Nuove proposte per nuovi ceti*, in AA. VV., *Modelli di santità e modelli di comportamento* (cura di Giulia BARONE, Marina CAFFIERO, Francesco Scorza BARCELLONA), Turin, 1994, 143-147; sobre os conceitos e propostas medievais de santificação, presentes na pregação, cf. Nicole BÉRIOU, *Saint et sainteté dans la prédication de Ranulphe de la Houblonnière*, in AA. VV., *Horizons marins, itinéraires spirituels (V - XVIII siècles)*, (estudos reunidos por Henri DUBOIS, Jean-Claude HOCQUET, André VAUCHEZ), Vol. I, Paris, 1987, 3-13; cf. Philippe CONTAMINE, *La piété quotidienne dans la haute noblesse à la fin du Moyen Age: l'exemple de Charles d'Orléans (1463-1465)*, in AA. VV., *Horizons marins, itinéraires spirituels...*, ed. cit., Vol. I, 35-41.

<sup>9</sup> *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro, 1981, 215.

<sup>10</sup> Vale a pena recordar esse comerciante, casado e pai de filhos - Homebon de Cremona - canonizado em 1199, tal como é evocado por André VAUCHEZ, num conjunto de importantes páginas sobre a interiorização do ideal de fuga do mundo e sobre as experiências que, nos séculos XII e XIII, inspiradas embora em ideais formulados num âmbito clerical, se orientavam já num sentido de "emancipação" espiritual dos leigos (*La spiritualité du moyen âge occidental*, Paris, 1975, 125-145); cf. ainda André VAUCHEZ, *Le "trafiquant céleste": Saint Homebon de Crémone (+ 1197), marchand et «père des pauvres»*, in AA. VV., *Horizons marins, itinéraires spirituels...*, ed. cit., Vol. I, 115-122.

havia colocado, nomeadamente na Península Ibérica, mais cedo do que ficou sugerido<sup>11</sup>, a verdade é que a espiritualidade daqueles que viviam no século continuaria marcada pela sombra do claustro e pelo ascendente do modelo religioso<sup>12</sup>, ainda que se proclamasse que cada um se podia salvar no seu estado<sup>13</sup>. De resto, na ponderação de André Vauchez, os finais do século XV, apesar de uma anterior "vaga mística" no mundo dos leigos, e nomeadamente, a despeito do prestígio de importantes santas leigas, exornadas por dons extraordinários, mais do que outra coisa, terão representado uma conjuntura de monaquização e depreciação da condição laical<sup>14</sup>.

Para muitos leigos comuns, também eles desejosos da sua santificação pessoal, sem terem de submeter-se às regras dos religiosos nem confinar-se a um claustro, certas confrarias<sup>15</sup>, as ordens terceiras e determinadas experiências de reclusão<sup>16</sup> e beguinagem<sup>17</sup> tinham sido

<sup>11</sup> Sobre esta matéria impõe-se a leitura duma importante obra: Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*, Porto, 1995.

<sup>12</sup> Para significativa análise de um caso exemplar, constante de uma *vida* escrita pelo Padre Martin de Roa (S.J.), publicada pela primeira vez em 1604, cf. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Uma clarissa ilustre do Século XVI: Ana Ponce de Leon, Condessa de Feria e monja de Santa Clara de Montilla*, in *Actas do Congresso Internacional Las Clarisas en España y Portugal*, t. I (Espiritualidade), Salamanca, 1993, 331-340.

<sup>13</sup> D. Fernando Correa de LACERDA, *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. Joam da Cruz*, Lisboa, 1680, 125. Permitimo-nos extractar uma pequena passagem desta *Reflexão*: «Em tal forma dispoz Deos as cousas que cada hum se pôde salvar no seu estado; por essa razão disse o Senhor que em casa de seu Pay havia muytas estancias: os caminhos do Ceo são muytos. (...) e ainda que he estreita a estrada da vida, tambem ha alguãs menos estreitas; como a cõsciencia não seja larga, bem pode ser menos angustiada a via: a mais estreita he a melhor, porque não ha para donde desviar, porém a menos angustiada não he mã, como se não deixe de prosseguir (...) quem dorme com huma pedra á cabeceira, acha huma escada para subir á patria, mas não deixa de subir á patria quem não dorme com huma pedra a cabeceira: a escada por onde cada hum sobe, he a Cruz que cada hum leva, e como não deixe de a levar, não lhe faltará escada por donde subir».

<sup>14</sup> Cf. A. VAUCHEZ, *La sainteté en Occident...*, ed. cit., 446-448

<sup>15</sup> Sobre a valência santificante do movimento confraternal cf. v.g. Catherine VINCENT, *Les confréries médiévales dans le royaume de France (XIII.e - XV.e Siècle)*, Paris, 1994, 71-73.

<sup>16</sup> Cf.: Anna Benvenuti PAPI, *Velut in sepulchro: cellane e reclusa nella tradizione agiografica italiana*, in AA.VV., *Culto dei santi, istituzioni e classi sociali in età preindustriale* (cura di Sofia Boesch GAJANO e Lucia SEBASTIANI), Roma, 1984, 367-455; IDEM, *Frati mendicanti e pinzochere in Toscana: dalla marginalità sociale a modello di santità*, in AA.VV., *Mistiche e devote nell'Italia tardomedievale* (cura di Daniel BERNSTEIN e Roberto RUSCONI), Nápoles, 1992, 85-106; Mario SENSI, *Incarcerate e reclusa in Umbria nei secoli XIII e XIV: un bizzocaggio centro-italiano*, in AA.VV., *Mistiche e devote nell'Italia tardomedievale*, 57-84. Sobre as *emparedadas* em Portugal consultem-se obrigatoriamente: Frei Joaquim de Santa Rosa de VITERBO, *Elucidário*, t. II, Barcelos, 1966, 213; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Vol. I, Barcelos, 1967, 143; José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, t. I, Coimbra, 1960, 65.

outrora instrumentos disponíveis e privilegiados<sup>18</sup>. Tendo-se progressivamente consolidado a tendência para a institucionalização destes últimos movimentos associativos de beatos e beatas, com a sua passagem a conventos em forma, com votos e clausura, ou a adopção, pelos seus efectivos, de uma regra terceira<sup>19</sup>, a verdade é que, apesar da energia disciplinadora da hierarquia, em Portugal, já na segunda metade do século XVI, «não raro os leigos tomavam sem profissão o hábito franciscano e se faziam eremitas»<sup>20</sup> e, como o demonstram numerosos processos inquisitoriais, continuarão a pulular individualmente beatas, embora normalmente enquadradas nas ordens terceiras, nem mesmo cessando, até em território metropolitano, a velha fórmula "ambígua" do beatério ou recolhimento de beatas, fórmula retardatária mas particularmente útil e funcional, por razões sociais e económicas, em territórios ultramarinos<sup>21</sup>.

Situando-se entre os anos sessenta do século XVI e os anos vinte do século XVII, Rodrigues Soares, no seu *Memorial*, no contexto da evocação do triste caso da freira da Anunciada, entre outras «maldades e invenções do mundo» sobre que escreve, sugere-nos uma impressiva imagem do ponto a que tinha chegado, entre nós, em divulgação - também entre gente leiga e "vulgar" - a procura da santidade e dos graus superiores de oração, embora na sua retina fiquem apenas os aspectos imediatos e negativos de uma tendência revestida, afinal, de largo significado sócio-cultural:

«Permitiu Deus» que o descobrimento desta «maldade» - considera - fosse causa «de se descobrirem outras semelhantes (...), porque se não resolvia o mundo senão em todas quererem ser santas, avendo ajuntamentos de beatas pelas igrejas, deputando-se a quais eram mais santas, tratando de

<sup>17</sup> Sobre *Beguinas ou Beguinos* (a prática e as oscilações semânticas) cf. Frei Joaquim de Santa Rosa de VITERBO, *Elucidário*, ed. cit., t. II, 32-32; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Vol. II, 201; José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, ed. cit., t. I, 63-65.

<sup>18</sup> Cf. André VAUCHEZ, *La spiritualité du moyen age occidental*, ed. cit., 142-145.

<sup>19</sup> Cf. v. g. José María MIURA ANDRADES, *Formas de vida religiosa feminina en la Andaluzia Medieval. Emparedadas y beatas*, in AA.VV., *Religiosidad femenina: expectativas y realidades (ss. VIII-XVIII)*, Ed. de Angela MUÑOZ y M.ª del MAR GRAÑA, Madrid, 1991, 153-164; Anna ESPOSITO, *S. Francesca e le comunità religiose femminili a Roma nel secolo XV*, in AA.VV., *Culto dei santi...*, ed. cit., 539-562. Para exemplificação portuguesa da passagem de grupos de emparedadas e de recolhimentos de beatas a mosteiros, cf. Frei António do ROSÁRIO (O. P.), *Mapa de Portugal dominicano feminino*, in *I Congresso Internacional del Monacato...*, t. 2, 652-665. Frei Joaquim de Santa Rosa de VITERBO, *Elucidário*, ed. cit., t. II, 33, cita um capítulo das cortes de Évora de 1481, no qual os procuradores dos concelhos chamam a atenção do monarca para o problema das «Beguinas que fazem conventiculos de fóra, e não querem tomar Ordem approvada», pedindo que «sejão constringidas de entrarem na Ordem approvada, onde sob Régra sirvão a Deos».

<sup>20</sup> José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, ed. cit., t. I, 65.

<sup>21</sup> Cf. *supra* nota 4.

seus enlevamentos e raptos, perguntando huãs as outras, publicamente: «Mana, como estais, em que Çeo hiş agora com vosa contemplassão?». Se a outra respondia: «Mana, ainda agora vou no primeiro çeo», respondia-lhe muito agastada: «Hai mana, muito pouco caminhais; caminhai, trabalhai, chegareis ao terseiro çeo onde eu vou e vereis maravilhas como eu veyo». De maneira que tudo se resolvia em contar de huã santa que ali estava, outra acola, outra ca, ate entrar pelos homens, que hum hia a sam Roque, questava en rpto diante de todos, enfim era cousa maravilhosa a semente do demonio como andava neste particular semeada pelo mundo, que não avia ja çidade, vila nem aldeia onde não houvesse uma santa»<sup>22</sup>.

Uma dessas «maldades» que se descobriu, em Coimbra, foi protagonizada por Maria Dias, uma mulher com quem tratavam todos os que por então eram, naquele meio, da parcialidade de D. António. Na condição de beata, assentou arraiais em Celas, junto dos religiosos do mosteiro de Santo António. Quando comungava tinha arrebatamentos, deixando-se cair; simulava raptos e revelações, e entre outros "dons", «Nosso Senhor revelava-lhe cousas da outra vida e das almas que desta passavam»; dizia-se em comunicação com o espírito da prioresa da Anunciada, e era consultada sobre o futuro por pessoas de categoria, até por doutores... Acabou condenada a penitência pública na Sé, cinquenta açoutes pelas ruas da cidade, dez anos no Brasil, e - aspecto importante no seu castigo - a não poder comungar senão uma vez por ano<sup>23</sup>.

Todos estes casos levavam os pastores conscientes a redobrados cuidados e alertas. É precisamente a grande procura - incauta e impreparada - da contemplação, por parte de muitos fiéis, que leva o padre dominicano António Feio a advertir, comentando um texto de S. Gregório Nazianzeno, em sermão da Festa dos Santos Inocentes:

«Nem nos tornemos deste trabalhoso Egipto para a santa contemplação, significada por Judea, antes nos detenhamos nelle té morrer o Herodes, que queria matar em nós a divina graça. Porque morto elle, então poderemos nós tornar da vida activa e trabalhosa para a contemplativa e descansada.(...) Porque quem sem obras santas se quiser dar à contemplação, fará edificio sem alicerce, donde procedem muitas illusões do demonio, por quanto daquellas almas zomba elle mais afoutamente e lhes mete mayores enganos na cabeça que, sem fazerem a Deos muitos serviços e se exercitarem nas obras árduas da virtude, se dedicação à contemplação, dandose por tão

<sup>22</sup> Pero Roiz SOARES, *Memorial*, Leitura e revisão de M. Lopes de ALMEIDA, Coimbra, 1953, 274.

<sup>23</sup> Cf. António BAIÃO, *A beata de Celas, processada pela Inquisição de Coimbra. Intervenção do Bispo Conde neste caso*, in *O Instituto*, Vol. 88, n.º 2, Figueira da Foz, 1935, 173-179.

privados cõ Deos que lhes parece o podem conversar de contino, e com confiança de suas esposas, sem precederem os merecimentos de taes»<sup>24</sup>.

Como se sabe, idênticos enganos, «curiosidades de mística parda»<sup>25</sup>, aconteceram profusamente em Espanha, sendo muitos deles aí reprimidos no contexto da luta anti-alumbrada. Uma simples leitura das chistosíssimas *Cartas* de D. Juan de la Sal<sup>26</sup>, referentes, entre outros, aos embustes do Padre Francisco Mendes, «de nação português», organizador de um recolhimento de mulheres, falecido em 1616, e condenado como alumbrado em auto-de-fé de 1624, em Sevilha, basta para se fazer ideia da importância social do fenómeno beato e daquilo a que o Bispo de Bona chama a «tentação» da aura de santidade<sup>27</sup>. Sem que para esta época se possa falar de *alumbrados*, entre nós, o século XVII português conhecerá também intenso ambiente visionário e bastantes casos de «ilusão» e «embuste» castigados<sup>28</sup>, em paralelo, claro está, a um alargamento ortodoxo do movimento beato, polarizado sobretudo pela dinâmica devocional de terceiros e terceiras.

Em Braga, na última década do século XVII, próximo aos Congregados, duas beatas, confessadas destes Padres, com a anuência do ordinário, fizeram uma casa de recolhimento, que logo procuraram enriquecer com oratório capaz de Missa<sup>29</sup>, numa iniciativa que mais tarde daria lugar, na cidade, à constituição de um mosteiro de terceiras de S.

<sup>24</sup> Padre António FEO (O.P.), *Trattados das Festas e Vidas dos Santos*, 2.ª Parte, Lisboa, 1615, 46-47.

<sup>25</sup> Cf. v. g. *Sentencia de Juana la Embustera* (Jesus IMIRIZALDU, *Monjas y Beatas Embaucadoras*, Madrid, 1977, 81-119).

<sup>26</sup> Cf. D. Juan de la SAL, *Cartas al Excmo. Sr. Duque de Medinasidonia*, in *Curiosidades de mística parda*, Madrid, 1897, 1-44.

<sup>27</sup> «Crea V. E. que, como hay hombres tentados de la carne, los hay también del espíritu, que se saborean y relamen en que los tengan por santos, en que les pida una enferma un evangelio, y otra que está para parir que se esté en oración junto á sua cama, hasta que Dios la haya alumbrado; y, quando se imagina que una canilla ó mano de las suyas podrá estar algún dia con unas andas dentro de un relicario, se les cae la baba de contento, y no hay enamorado que salte paredes con más ánimo que estos tales atrancan dificultades y barrancos por conseguir su estimación» - D. Juan de la SAL, *Carta primera*, in *Curiosidades de mística parda*, 9.

<sup>28</sup> Além dos casos *infra* apresentados, cf.: José Lourenço D. de MENDONÇA, e António Joaquim MOREIRA, *História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal*, Lisboa, 1980, [165], [166], [170] e [252]; Laura de Mello e SOUZA, *Entre o êxtase e o combate: visionárias portuguesas do século XVII*, in AA. VV., *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte* (coordenação de Anita NOVINSKY e Maria Luiza Tucci CARNEIRO), S. Paulo, 1992, 762-784; e ainda *Sentença do P.e Matheus Francisco da Companhia de Jesus, o qual saiu segunda vez no Auto-de-Fé que se celebrou em Goa no ano de 1664*, in *Feiticeiros, profetas e visionários, Textos antigos portugueses* (Seleção de Yvonne Cunha RÊGO), Lisboa, 1981, 57-76.

<sup>29</sup> Cf. Bernardino José de Sena FREITAS, *Memórias de Braga*, t. I, Braga, 1890, 390.

Domingos<sup>30</sup>. Uma evolução que provavelmente teríamos visto seguir também o contemporâneo e supra referido recolhimento de Midões da Beira-Alta, encabeçado por Arcângela do Sacramento, dirigida espiritual do oratoriano de Viseu António de Afonseca, se não tivessem mediado delitos de doutrina, a desconfiança e a repressão das autoridades. No entanto, no momento da sua detenção - levando consigo uma «verónica de prata», um «livrinho do rosário» e umas «horas de Nossa Senhora»<sup>31</sup>- Arcângela apresentava-se verdadeiramente com o perfil de uma beata e o seu recolhimento, embora colocando-se sob a paternidade de S. Domingos, com hábito e regra dominicana, pela falta de clausura e votos, pela comutação até do ofício divino, tinha então verdadeiramente a imagem e a forma de um beatério, nessa informalidade nos recordando anteriores e nunca olvidados figurinos de organização feminina para a vida em comum<sup>32</sup>.

## 2. Alargamento da oração mental metódica e atracção pela mística

As ordens terceiras e este tipo de recolhimento de beatas, rapidamente atraído e assimilado institucionalmente pelo mundo conventual regular, aparecem como a solução para muitas mulheres devotas que, espiritualmente despertas por uma missão ou por um apostolado mais eficaz nas respectivas terras, e desejando mudar as suas vidas, queriam evitar a rigidez de uma clausura, ou podendo mudar de estado, viam que as suas famílias não tinham o suficiente para, dotando-as, as fazerem ingressar numa das religiões existentes.

No entanto, a piedade destas beatas e terciárias parece, em grande medida, um esboço ou réplica simplificada e popular da piedade claustral, por um mimetismo compreensível: o claustro nunca deixara de se perfilar como paradigma por excelência de seguro e honroso caminho para a bem-aventurança eterna, a pastoral católica de massas pós-tridentina, ao enfatizar a necessidade de menosprezo e renúncia ao mundo, voltara a afastar a

<sup>30</sup> Cf. Frei António do ROSÁRIO (O. P.), *Mapa de Portugal dominicano feminino*, in *I Congreso Internacional del Monacato...*, t.2, 662.

<sup>31</sup> Cf. A. N. T. T., *Inquisição de Coimbra, Proc.º 7619, 1.ª Parte, Auto de Entrega*, fl. 2. Que figurações sacras ostentaria aquela medalha de prata? Não temos detalhes sobre estes objectos. Então se lhe acharam também duas cartas e uma navalha.

<sup>32</sup> Cf. Ángela MUÑOZ FERNÁNDEZ, *Beatas y santas neocastellanas: ambivalencias de la religión y políticas correctoras del poder (ss. XIV-XVII)*, Madrid, 1994, 19-87. Em Portugal, para a família dominicana, vejam-se os exemplos sumariamente coligidos por Frei António do ROSÁRIO (O. P.), *Mapa de Portugal dominicano feminino* supra cit., 657-659, nomeadamente nms. 2, 4, 7, 8.



cidade celeste e a terrena, e os exemplos de heroísmo cristão propostos à imitação, emolduravam-se de uma pesada componente ascética<sup>33</sup>, mais própria de religiosos do que de leigos. De resto, com especial destaque para o mundo feminino e independentemente da pertença a uma determinada ordem social, desde os últimos séculos da Idade Média que, aos tradicionais critérios de vida santa, se tinha vindo juntar uma crescente valorização da manifestação de dons extraordinários na vida dos fiéis<sup>34</sup>. E, com todos os receios, suspeitas<sup>35</sup>, reacções e ajustamentos, simbolizados, em espaço ibérico, na publicação do *índice* de Fernando de Valdés de 1559, a verdade é que o movimento de renovação e reforma da Igreja passara também pelo alargamento da oração mental metódica aos leigos e pela possibilidade de estes se familiarizarem na via do *recogimiento* e de acederem a uma experiência mística<sup>36</sup>. Passara, e por isso o tempo, com Trento, consagrara o magistério de um Frei Luís de Granada<sup>37</sup>, de um S. Pedro de Alcântara<sup>38</sup>, de um Frei Bartolomeu dos Mártires<sup>39</sup>..., um tipo de pastoral como a que Pedro de Santa Maria desenvolvera no mundo dos leigos<sup>40</sup> ou o tipo de orientações que se exprimira no *Livro de Doutrina Espiritual* do leigo Sousa Tavares<sup>41</sup>. E continuaria a passar. Daí podermos ver uma religiosa

<sup>33</sup> Cf. Jean DELUMEAU, *El catolicismo de Lutero a Voltaire*, Barcelona, 1973, 53-57.

<sup>34</sup> André VAUCHEZ, *La sainteté en Occident...*, ed. cit., 472-478.

<sup>35</sup> Cf. André VAUCHEZ, *La nascita del sospetto*, in AA.VV., *Finzione e santità tra medioevo ed età moderna*, (cura di Gabriella ZARRI), Turim, 1991, 39-51.

<sup>36</sup> Cf. v. g. Massimo PETROCCHI, *Storia della spiritualità italiana (secc. XIII-XX)*, Roma, 1984, Caps. V e VI, 155-229; Roberto RUSCONI, *Da Costanza al Laterano: la «Calcolata devozione» del ceto mercantile-borghese nell' Italia del Quattrocento*, in AA.VV., *Storia dell' Italia Religiosa*, t. I (cura di André VAUCHEZ), Ed. Laterza, 1993, 520-535; Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, *Introducción a la Historia de la Literatura Mística en España*, Madrid, 1984, 184-250; Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, *La siembra mística de Cisneros*, Madrid, 1979; Melquiades ANDRÉS MARTÍN, *Los recogidos*, Madrid, 1976, 48,105-106, 125-126; José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, ed. cit., t. I, 245-362; Maria de Lourdes BELCHIOR e José Adriano de CARVALHO, *Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, Lisboa, 1994, 15-19.

<sup>37</sup> Para qualquer abordagem deste grande mestre, consulte-se uma obra marcante e obrigatória: Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Frei Luís de Granada e a Literatura de espiritualidade em Portugal*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1976, 1617 pp. dact.

<sup>38</sup> Cf. F. Félix LOPES, *Influência de S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa do seu tempo*, Coimbra, 1964.

<sup>39</sup> Cf. Frei Raul de Almeida ROLO (O.P.), *Uma «arte» de ser santo (Compendium Spiritualis Doctrinae)*, in *Eborensis*, VI-2 (1988), 87-110. Sobre o Arcebispo, consulte-se imprescindivelmente, do mesmo autor, *Formação e vida intelectual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Porto, 1977, 327 pp.

<sup>40</sup> Permitimo-nos lembrar um trabalho nosso: *Os Lóios e a reforma religiosa em meados do séc. XVI. A «Ordem e regimento de vida cristã» de Frei Pedro de Santa Maria (1555)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986, 206 pp. dact.

<sup>41</sup> Cf. José Adriano de CARVALHO, *Francisco de Sousa Tavares*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 207-212.

agostinha de Xabregas, professa em 1670, escrever, como revelação particular de Cristo, que «todos em seu estado podem fazer vida perfeita e estar em perfeita oração, mandando, servindo, trabalhando, obedecendo, e cada hum em sua esfera, estado, officio e occupação pode estar obrando e dando gloria a seu criador e fazendo o para que foram criados»<sup>42</sup>. Daí ainda o teor de tantas missões do interior<sup>43</sup>, nomeadamente jesuíticas, oratorianas e varatojanas.

Um destes missionários, Frei Manuel de Deus, herdeiro do hábito, do espírito e dos métodos de Frei António das Chagas, nos anos vinte do século XVIII, inculcando um método simples de oração mental, acessível até a um «pastorinho», recordará uma revelação feita a Francisco Yepes, irmão de S. João da Cruz, segundo a qual «o meyo por onde poderia haver reforma no mundo perdido» era «persuadir e ensinar a todos a Oração mental, ainda aos lavradores e officiaes de todos os officios e pessoas de todos os estados»<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo exortará os sacerdotes a que no púlpito e no confessionário não deixem uma só vez de ensinar «com razões claras» esta matéria, recomendando-lhes vivamente os capitulos da oração mental constantes desse seu livro *Pecador convertido*, próprios para todo o tipo de fiéis, e de cuja aplicação resultariam «prodígios» pastorais nunca imaginados<sup>45</sup>. Apelando para a sua própria experiência, na esteira de contínuas diligências missionárias, desde Frei António das Chagas, por introduzir entre os seculares a oração pública<sup>46</sup>, este frade dará testemunho de números impressionantes de muitos milhares de pessoas postas em oração colectiva<sup>47</sup>. Possuído destas convicções, D. Álvaro de Abranches e Noronha,

<sup>42</sup> B. N. L., Cód. 609, (*Vida original que pellas suas mãos escreveo a Veneravel Madre Sor Maria da Assumpção, Religiosa do Convento das Madres Agostinhas descalças de Xabregas, Por preceito e mandato de seu Prelado e Confessores. A qual morreo no anno de 1701, em Domingo 11 de Setembro, as des horas do dia*), 417. Deve tratar-se de um autógrafo, ao qual, posteriormente, alguém acrescentou este título. Uma nota manuscrita, no rosto, em letra diferente, informa-nos que foi filha de João Cabral de Bayros, Desembargador e Conselheiro da Fazenda d' El-Rei, e de D. Sebastiana Marinha, do lugar de Torres Vedras, e que professou a 20 de Agosto de 1670.

<sup>43</sup> Em *Alma instruida na doutrina e vida christã* (t.1, Lisboa, 1688), obra que no prólogo se afirma destinada a ajudar os missionários, nas instruções para bem orar, o jesuíta Manuel FERNANDES não deixa de inculcar uma basililar e tradicional prática da oração mental. Como proposta aos leigos, de idêntico significado, no âmbito da Companhia, cf. v. g.: Alexandre GUSMÃO, *Meditações para os dias da semana*, Lisboa, 1689; João da FONSECA, *Satisfaçam de aggravos e confusam de vingativos*, Évora, 1700, *Trat.º 2.º*, 229-343.

<sup>44</sup> Frei Manuel de DEUS (O. F. M.), *Pecador convertido ao caminho da verdade, instruido com os documentos mais importantes para a observancia da Ley de Deos*, Coimbra, 1728, 53 e 61.

<sup>45</sup> Frei Manuel de DEUS (O. F. M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 349.

<sup>46</sup> Frei Manuel de DEUS (O. F. M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 364.

<sup>47</sup> «Eu tenho assistido à oração de turbas tão grandes que passavão de quinze mil pessoas (quem lhe parecer muyto, averigüe a verdade no Bispado de Leyria, perguntando pella missão do anno de

bispo de Leiria desde 1694, socorrendo-se do auxílio de missionários por si convidados<sup>48</sup>, teria então tido um importante papel na difusão deste tipo de oração, mandando imprimir e distribuindo pelo seu bispado quatro mil livrinhos de meditações breves para a oração mental pública nos templos<sup>49</sup>. Frei Manuel de Deus assevera que no fim de uma missão nesta diocese, contas feitas a cada freguesia, havia cerca de vinte e cinco mil pessoas que tinham abraçado o exercício da oração mental<sup>50</sup>.

«Para os ultramarinos do novo mundo do Brasil», com alegorias náuticas e as fortes cores dos trópicos<sup>51</sup>, delineara o missionário franciscano António do Rosário uma *Carta de Marear*, imbuída de espírito seráfico<sup>52</sup>, como cartilha para os principiantes da oração mental que não sabiam nem podiam «alcançar outros mayores volumes sobre materia tam necessaria para a salvação»<sup>53</sup>, tendo embora anteriormente podido invocar um alto exemplo de entrega à oração mental na pessoa do bispo e governador de Pernambuco, D. Matias Figueiredo e Mello<sup>54</sup>. Mais tarde, D. Frei José de

1726), e recebião tanta luz de Deos que menos de meyo quarto[de hora] de oração obrava nellas mayores effeitos que todos os sermões que se tinham prégado» - *Pecador convertido...*, ed. cit., 400.

<sup>48</sup> Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, 99.

<sup>49</sup> Frei Manuel de DEUS (O. F. M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 250-251. Deduz-se das palavras do autor, *ibid.*, que o *Directorio para a oração mental* e as *Meditações breves das materias mais importantes, que se costumão meditar para a reforma das consciencias e observancia da Divina Ley* [gravidade do pecado; novíssimos; vocação e felicidade da alma justa; conhecimento de Deus; vida, paixão, ressurreição, ascensão de Cristo e vinda do Espírito Santo; Eucaristia], que vêm a págs. 252-336 do *Pecador convertido...*, são afinal a transcrição do texto desse «divrinho» (inclusive da «Advertência»), mandado publicar (anónimo?) pelo bispo de Leiria, e muito provavelmente trabalho anterior do frade varatojano, para apoio e suporte do apostolado missionário.

<sup>50</sup> *Pecador convertido...*, ed. cit., 251.

<sup>51</sup> Mais ainda do que nesta obra, do mesmo autor, veja-se uma riquíssima alegorização espiritual da paisagem e da sociedade brasileira em *Frutas do Brasil*, Lisboa, 1702, livro que «mandou imprimir o Comissário Geral da Cavalaria de Pernambuco Simam Ribeyro Ribas».

<sup>52</sup> Nomeadamente pela valorização da observação gozosa da natureza, meditação compassiva da paixão, affectuosos «actos de amor de Deus», e pela inclusão de «exercícios» de S. Francisco e S. Boaventura para os diferentes dias da semana.

<sup>53</sup> Cf. *Carta de Marear*, «Ao leitor». Citamos pela ed. de Lisboa, of. Filipe de Sousa Villela, 1717. A dedicatória a D. Francisco de Sousa, coronel de cavalaria de Pernambuco, mecenas desta publicação, está datada de 9 de Fevereiro de 1697, do Convento de Santo António de Poiuca. O borrão desta *Carta* - diz-nos o autor - fora «parto da missão» que fizera nas capitánias de Pernambuco. Instado pela «devoção de muitos», e vendo essa *Carta* «tão mareada, disforme e viciada pela variedade e ignorancia das pennas», se resolvera «no retiro de Poiuca a restaurar e acrescentar a dita Carta, com tençam que pela estampa mais bem acondicionada se pudesse espalhar pelos mais pobres e remõtados destes Paizes». A obra saiu pela primeira vez a lume em Lisboa, em 1698, na of. de António Pedroso Galrão (cf. *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, dir. José Adriano de Freitas CARVALHO, Porto, 1988, 461, n.º 1853).

<sup>54</sup> Cf. Frei António do ROSÁRIO (O.F.M. Cap.), *Feyra Mystica de Lisboa, Armada em huã trezena do divino Português Santo António*, Lisboa, João Galrão, 1691, «Dedicatória». Esta obra,

Santa Maria de Jesus, com uma metodologia de missionário varatojano, fará junto dos seus diocesanos de Cabo Verde o mesmo apostolado deste exercício, «sem o qual não podemos alcançar vitória»<sup>55</sup>. E D. Miguel da Anunciação, crendo que na oração mental estava a «chave do paraíso», exortará os párocos da sua diocese de Coimbra a ensinarem o método de Frei Manuel de Deus aos respectivos fregueses, homens e mulheres, e a com eles o praticarem nas igrejas, quotidianamente<sup>56</sup>. Um tipo de prática pública que D. Manuel Caetano de Sousa reconhecia ter sido disseminada pelo reino, no século anterior, por Frei António das Chagas, e, nesses seus dias, a própria «devoção» de D. João V quisera introduzir na patriarcal, na novena de S. José<sup>57</sup>. E já na última década de setecentos, na arquidiocese bracarense, veremos o reformador D. Frei Caetano Brandão continuar a esperar bons frutos desta recomendada prática, a realizar quotidianamente pelos párocos com os respectivos fregueses<sup>58</sup>.

Na primeira metade do século XVIII os manuais e devocionários inculcando e ensinando a prática da oração mental conheceriam grande divulgação<sup>59</sup>, ao estímulo, sem dúvida, de uma crescente procura laical. Nas suas *Doutrinas práticas*, vemos um grande difusor da devoção ao Coração de Jesus<sup>60</sup>, o Padre Calatayud, como resultado de uma significativa

coligindo algumas «praticas moraes e panegyricas» pregadas no Recife no ano de 1688, foi concluída em Janeiro de 1689, no Convento de N.ª S.ª das Neves de Olinda.

<sup>55</sup> Cf. *Brados do pastor às suas ovelhas*, Lisboa, 1735, «Appendix primeyro», 121. A grande procura desta obra, impressa a primeira vez em Lisboa, na of. de Manuel Fernandes Costa, em 1731, levou a esta segunda edição, pelo mesmo impressor.

<sup>56</sup> Cf. Manuel Augusto RODRIGUES, *As preocupações apostólicas de D. Miguel da Anunciação à luz das suas cartas pastorais*, Sep. das Actas do Colóquio *A mulher na sociedade portuguesa*, Coimbra, 1986, 11.

<sup>57</sup> Cf. Frei Manuel de DEUS (O. F. M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., «Censura do Paço».

<sup>58</sup> Cf. *Freguesia de S. Cristovão de Lordelo*, in *Noticias de Felgueiras*, Ano XXVIII, n.º 1439, 17/1/1963, 2. Neste interessante artigo, não assinado, (integrado numa série de trabalhos sobre a *História da Quinta e Casa da Mata*, da responsabilidade dos Padres Carmelitas, a quem estes imóveis foram doados em 1953 pela última proprietária, da família Cunha Rola Pereira), transcreve-se o texto de um *capítulo* deixado em Fevereiro de 1791 pelo Visitador Dr. Manuel Marinho, Protonotário Apostólico e abade de Santa Maria de Airão: «O mesmo Rev.º Paroco e juntamente todos os sacerdotes procurem com todo o zelo promover o exercício da oração mental, ensinando a seus fregueses o modo practico de a fazer, destinando para este fim alguma hora do dia, não só por ser este tão pio exercício muito recomendado por sua Ex.cia (D. Frei Caetano Brandão), mas sim por ser este o meio mais efficaz para se adquirirem as virtudes e extirparem os vícios».

<sup>59</sup> Cf. José Adriano de CARVALHO, *Introdução ao Catálogo da Exposição Histórico-Bibliográfica organizada pela Biblioteca Pública Municipal do Porto (29/4/1988) no Bicenténario da Morte de S. Afonso Maria de Ligório*, Parte III, com as suas abundantes indicações bibliográficas.

<sup>60</sup> Cf. Pedro CALATAYUD (S. J.), *Incendios de amor sagrado y respiracion amorosa de las Almas devotas con el Corazon de Jesus su enamorado*, Valencia, Joseph Estevan Dolz, 1736 (4.ª impressão), nomeadamente a explicação das razões de ser e valor da devoção (11-22) e as «Reglas para fundar Congregaciones del Corazon de Jesus», 23-44. Pode compulsar-se tradução portuguesa:

valorização desta área da pastoral, lembrar a curas e «directores de almas» a necessidade de estarem atentos à progressão espiritual dos leigos na oração: os membros das ordens terceiras não só se deveriam confessar das suas faltas à «congregação» ou «exercício», como também deveriam regularmente examinar a consciência e acusar-se daquelas vezes em que tinham deixado de preparar «os pontos da meditação para ter oração», ou daquelas em que tinham estado a ler ou a ouvir a «lição espiritual» com «perturbação» ou com «a imaginação bastante distraída»<sup>61</sup>.

Este exercício da oração mental pública nos templos ilustrava-se no nosso país, de sobremaneira, com o exemplo dado pela Congregação do Oratório<sup>62</sup>, em cujas igrejas, desde a regulamentação de um núcleo de piedade no paço, por Bartolomeu de Quental, em tempos de D. Luísa de Gusmão, se estimulava o surgimento de devotas associações laicas, de espírito filipino, unindo estatutariamente as obras de caridade à prática quotidiana da oração mental<sup>63</sup>. Deve no entanto sublinhar-se que neste apostolado da oração mental se cuidou pouco de uma sua expressão que fosse especificamente laical. Lembremos um caso expressivo: quando, em 1678, o Padre Baltasar Guedes dava ao prelo a sua tradução da *Escola de*

---

*Incêndios de Amor Sagrado e Colóquios Amorosos das Almas devotas com o Coração de Jesus*, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1744.

<sup>61</sup> Cf. Pedro CALATAYUD (S. J.), *Doutrinas praticas que costumava explicar nas suas Missões o Padre...*, mandadas traduzir por ordem do Serenissimo Senhor D. José; Arcebispo e Senhor de Braga, etc., t. II, Coimbra, Colégio das Artes, 1753, 289-290. Estes tomos I e II da trad. port., de 1753, correspondem aos tomos I e II impressos em Valência, por J. Estevan Dolz, respectivamente em 1737 e 1739.

<sup>62</sup> Entre outros, retenha-se este significativo testemunho: «Confirma ultimamente esta verdade a sagrada Congregação do Oratorio, que fundou o agigantado espirito de S. Felipe de Neri, renovando o costume Apostolico nestes devotos ajuntamentos. Estão patentes as Igrejas desta Congregação para todas as pessoas de hum e outro sexo. Os frutos tem sido tão prodigiosos, como se confissão todos os Reynos aonde os zelosos obreiros deste Instituto tem chegado. Havendo eu de escrever esta materia, quis da santa Congregação de Lisboa o voto, para authorizar com suas mesmas palavras estes escritos, e respondeo-me: *Em todas as Congregações do Oratorio deste Reyno e suas Conquistas se costuma fazer duas vezes no dia oração publica, para o que estão sempre patentes as Igrejas para todos os que quizerem assistir. Este costume he aprovado em fórma especifica pelos Summos Pontifices, por ser hum dos seus Estatutos, antes o mais principal, e que dá nome à mesma Congregação, a qual por respetto da oração cômua, introduzida pelo seu Fundador S. Filippe Néri, se chama Congregação do Oratorio. A todos os que assistem concede o Summo Pontifice muytas indulgencias; e estimarão tanto os Summos Pontifices, que nos Reynos de Portugal se introduzisse este santo costume, que o Santissimo e veneravel servo de Deos Innocencio XI escreveu hum Breve, em que louvava o grande zelo que em promover este santo exercicio mostrou sempre o veneravel Padre Bartholomeu do Quental, Fundador da Congregação do Oratorio neste nosso Reyno de Portugal*» - Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 439-440.

<sup>63</sup> Cf. Eugénio dos SANTOS, *O Oratório no Norte de Portugal*, Porto, 1982, 234-245.

*Oração*, do carmelita descalço João de Jesus Maria<sup>64</sup>, estava a oferecer conscientemente aos leigos um quadro de piedade religioso e carmelitano, mas afinal idêntico àquele que, desde 1673, procurava implementar no Oratório de Nossa Senhora das Soledades do Colégio dos Orfãos do Porto<sup>65</sup>, não obstante a natureza de leigos e «seculares de fora» da congregação aí principiada<sup>66</sup>. Pois bem, neste texto, a "adaptação" necessária foi fácil: quando no original espanhol se referiam, por exemplo, trabalhos e exercícios *da vida monástica*, o tradutor limitou-se a acrescentar «e reformada, em que os bons seculares caminham, fora da clausura religiosa»; quando no original era referida a perfeição do divino amor e caridade de Deus, para o qual caminhavam *todas as religiões*, preferiu-se a fórmula «todos os que tratão da vida espiritual e reformada»; e sempre que se falava de «religiosos», optou-se pela copulativa «religiosos e congregados»<sup>67</sup>. Enfim, um mesmo quadro de piedade e um mesmo tratado *Da mística teologia*<sup>68</sup> serviam as ânsias de perfeição de religiosos e de leigos<sup>69</sup>. Para efeitos práticos e

<sup>64</sup> *Escola de Oraçam, contemplação, mortificação das paixoes, & outras materias principais da doutrina espiritual*, Coimbra, Of. de José Ferreira, 1678. O Padre Baltasar Guedes traduziu do espanhol, como adverte no «Prologo ao devoto leyton», mas a obra fora composta em italiano e traduzida por Frei Jerónimo Peres para espanhol. Cf. Juan de JESUS MARIA (O.C.D.), *Escuela de Oracion...*, «Licenças», Lisboa, Pedro Caesbeeck, 1616. Esta edição da obra de Juan de Jesus Maria, que não se encontrava recenseada em Sousa VITERBO, *A Literatura Espanhola em Portugal*, Lisboa, 1915, consta da *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal*, ed. cit., n.º 848, 210.

<sup>65</sup> Cf. *Escola de Oraçam...*, ed. cit., «Dedicatoria», fl. 2r.º

<sup>66</sup> Cf. Baltasar GUEDES, *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N. S.ª da Graça*, Introd. de A. de Magalhães BASTO, Porto, 1951, 241.

<sup>67</sup> Para constatação destes exemplos, cf. respectivamente fl. 1v.º da edição de Lx.ª de 1616, em espanhol, com fl. 2r.º da tradução portuguesa; fl. 5v.º daquela, com 7v.º da tradução portuguesa. O terceiro exemplo verifica-se constantemente. Vejamos, logo a abrir, esta correspondência no título do «Tratado I»: Del Instituto de nuestra Religion y fines o partes del, y de las obligaciones de nuestro estado/ Do Estatuto e modo do Estado Religioso, partes, e fins de tão reformado modo de vida, que devem continuar os que tratão de perfeição.

<sup>68</sup> *Escola de Oraçam...*, ed. cit., «Tratado XII», fls. 168v.º-176v.º

<sup>69</sup> No «Prólogo», o Padre Baltasar Guedes adverte: «E como seu Autor he Religioso Carmelita Descalço, poem o tratado primeiro, explicando o Estatuto de sua Religiam, fins, e partes e obrigaçoens do seu estado; e isto mesmo, que elle diz acerca da perfeição de sua vida, devemos nós imitar, pois tratamos de reformar nossas vidas, e entre o laberinto mundano, dirigir nossas aççoens à perfeição religiosa e cristã quanto nos for possível; pello que te peço, devoto leytor, que quando leres o Capitulo seguinte, e achares as obrigaçoens de hum Religioso, entendas fala contigo o tal Capitulo, advertencia, numero, e notaçam; porque como todos queremos caminhar pera a perfeição, pera onde elles caminham, devemos nós tambem, os que seguimos o santo exercicio (que neste Oratorio de Nossa Senhora das Soledades, neste Collegio dos mesmos Orfãos todos os dias se continuam,) he conveniente ... ».

pastorais, esses leigos «que tratavam de perfeição» continuariam a aparecer agrupados com as «pessoas religiosas»<sup>70</sup>.

De outro manual devoto, não muito distante no tempo, podemos extrair um novo e impressionante exemplo de "adaptação", resultante da aproximação do mundo dos leigos e do mundo claustral, no âmbito das práticas da oração mental. Referimo-nos ao já citado *Despertador do Amor Divino* de D. Fernando da Cruz, que «fez dar à estampa» Soror Helena da Cruz<sup>71</sup>, do aristocrático convento lisboeta da Esperança<sup>72</sup>, em conexão com a *Irmandade do Amor Divino* aí instituída por esta religiosa<sup>73</sup>, para cuja devoção era ordenado<sup>74</sup>.

Vale a pena evocar essa experiência: como amante de livros e leituras espirituais<sup>75</sup>, «lendo a Madre Elena a vida da Serva de Deos Maria de Vilani, ilustríssima gloria de Napoles, e achando nella como esta grande Santa, por inspiração e Ordem Divina, havia instituido nesta Cidade, Patria sua, a festa e Irmandade do Amor Divino, ficou com ardentes dezeses de trazer a Portugal esta rara celebridade, festejando-a em a Igreja do seu Convento, para cujo intento mandou pedir a Napoles a forma da dita Irmandade e festa, o que se lhe não concedeo, querendo os Napolitanos nesta gloria mais a singularidade que a extenção»<sup>76</sup>. Após catorze anos de espera e insistências, concededora finalmente, por papéis que lhe haviam chegado, enviados por um clérigo encarregado dessas diligências, da festa e irmandade «com todas as circunstâncias com que em Napoles se

<sup>70</sup> Cf. Pedro CALATAYUD (S. J.), *Doutrinas praticas...*, ed. cit., t. II, 292 («Doutrina V - Do modo de se examinarem com perfeição e miudeza as Pessoas Religiosas ou as que tratão de perfeição»).

<sup>71</sup> *Despertador do Amor Divino*, Coimbra, of. de João Antunes, 1698, 16.

<sup>72</sup> Cf. Filomena Valente BELO, *O Mosteiro da Esperança de Lisboa (Séc. XVII). Espaço de reclusão e sociabilidade*, in *I Congresso Internacional del Monacato...*, t. II, 713-718. Soror Helena da Cruz (1629-1721) era filha de D. António Mascarenhas, irmão do primeiro conde de Palma, e de D. Isabel de Mendonça. Entrou no noviciado com quinze anos. Tinha neste convento da Esperança uma tia professa.

<sup>73</sup> Cf. B. N. L., *Cód. 87, Rellação da vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Elenna da Crus, Religiosa no Convento da Esperança desta Cidade de Lisboa, Anno 1721, Escrita pela Madre Maria do Ceo, Religiosa no mesmo Mosteiro*, fls. 83v.º-89r.º

<sup>74</sup> Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., Censura do Padre Domingos Leitão (S.J.), Qualificador do Santo Officio, datada de 19/12/1695.

<sup>75</sup> «Foy muy inclinada a Lição dos Livros, de cujos exemplos tirava as imitaçoens em que se asemelhou a muitos santos. Na frase destes tinha tambem voto, que sabia estimar os melhores authores para a preferencia, e finalmente em tudo o bom entendia o que era melhor. Em sahindo de novo algum livro, sendo espirital o comprava, sem reparo no custo, e ainda em mayores dispendios foy o seu coração tão grande que tanto apresso fazia do ouro como do cobre» - B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fl. 81v.º

<sup>76</sup> B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fls. 83v.º-84r.º

celebra[va]»<sup>77</sup>, substituído no altar de uma das capelas colaterais da Igreja a imagem «do nome de Jesus» pelo «simulacro do Amor Divino»<sup>78</sup>, promoveu e fez realizar, pela primeira vez, solenemente, a festa do Amor Divino em dia da natividade de Nossa Senhora, «com a assistencia de muita nobreza e povo, que concorreo à novidade». Foi todavia, com grande pesar seu - continua a narrar-nos a sua biógrafa e amiga Soror Maria do Céu - arguida de falta da competente autorização pontificia, «pois se não estendia a Portugal a graça que se limitava só a Nápoles, nem para a faculdade nem para as indulgencias»<sup>79</sup>. Helena da Cruz socorreu-se da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia para que impetrasse de Roma a mesma concessão, mas nem assim a cúria deferiu à pretensão. Valeu-lhe o Duque de Cadaval que interessou no pedido ao pontífice uma tia que a duquesa tinha naquela cidade. O Papa despachou a súplica «com a mesma liberalidade que para Nápoles, concedendo o jubileu sem tempo limitado», e deste modo chegou «o amplissimo Breve a Lisboa, enchendo de alegria a este Convento da Esperança», publicando-se a graça, celebrando-se a festa e «entrando na Irmandade por Juises os Reys com a Mayor parte da nobreza»<sup>80</sup>. Informa ainda Soror Maria do Céu que, vencidos alguns anos, passara aquela festividade a tríduo, como então se conservava, aproveitando para relevar uma «liberal mão e affectuosa devoção» de «muita parte na conservação desta grandeza»: a do Marquês das Minas, que dera «à Imagem do Amor, Arco e setta de ouro, cubertos de pedraria», cujo custo chegara a «perto de cinco mil cruzados», mandando-lhe outrossim fazer coroa do mesmo metal, «adornada das mesmas preciosas pedras», algumas das quais ofertadas por «senhoras devotas da mesma Imagem»<sup>81</sup>.

Esta *Irmandade do Divino Amor* - advertia D. Fernando da Cruz, com a sua autoridade de autor espiritual experiente e consagrado - não era «diferente» ou doutra «substância» da que ordenara S. Filipe de Néri em Roma, nem da que instituiu a Madre Soror Maria de Villani, religiosa de S. Domingos, em Nápoles, apesar de ser «mui diferente nos accidentes, pello

<sup>77</sup> B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fls. 85v.º-86r.º

<sup>78</sup> « (...) desocupando-se a mesma capella [cuja Imagem se dizia do nome de Jesus] para o simulacro do Amor Divino, que he a em que hoje [1721] assiste, se mandou o Menino para o Convento da Luz, adonde hoje se venera com devoto culto e affectuosa devoção, e na Esperança deixou Deos lugar para Deos, preferindo o seu Amor à sua Pessoa» - B. N. L. *Cód. 87, Rellação...*, fl. 84r.º v.º

<sup>79</sup> B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fl. 86r.º v.º

<sup>80</sup> B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fl. 88r.º

<sup>81</sup> B. N. L., *Cód. 87, Rellação...*, fl. 88r.º v.º. E Soror Maria do Céu comenta *ibid.*: «Assim ficou o Amor adornado de sua firmeza nos diamantes, de seus incendios nos rubins, de sua gloria nas safiras, de suas promessas nas esmeraldas; ainda que tudo fica significativo, grosseiro para o seu valor; mas desculpeme o Evangelista, que para explicar o Ceo se valeo do melhor da terra».



grandioso ornato de Juis e Mordomos e mais oficiais com que esta[va] estabelecida com o seu tribunal em o Ceo», no que constituía devoção «nova» e «engraçada», concebida para incentivar as pessoas, «que sempre desejão cousas novas», a entrarem nesta irmandade<sup>82</sup>.

Em cada mosteiro onde as religiosas quisessem levantar esta irmandade haveria uma procuradora eleita, à qual ficava entregue a bandeira «da celestial milícia do Amor Divino», competindo-lhe promover o alargamento da irmandade a novos membros, admitidos mediante uma oração especial por estes proferida na sua presença, diante do Santíssimo Sacramento<sup>83</sup>. Ora é fundamental atentar-se em três aspectos vinculados por D. Fernando da Cruz: reconhece ter escrito este manual a pensar «nas Esposas de Christov»; afirma que da primeira impressão (de 1695)<sup>84</sup> tinham beneficiado «quasi todas as Religiosas dos Mosteiros deste Reyno», abraçando esta irmandade com «grande aproveitamento pera suas almas e augmento de seus Espiritos»; mas, ateando-se as «labaredas» do amor divino «à gente secular» que, «com grande fervor», ia entrando nesta confraria, a pedido desses leigos resolvera mudar algumas palavras não «essenciais», fazendo o livro «comum pera todos» nesta segunda impressão<sup>85</sup>, outrossim lhe agregando uma *Novena do Espirito Santo para os Irmaons do Amor Divino fazerem nas Igrejas, juntos, ou em suas cazas em particular*<sup>86</sup>. Ou seja, feitas pequenas alterações de pormenor, tínhamos - novamente - uma mesma proposta para dentro e fora dos claustros; desta feita de um manual de terníssimos solilóquios<sup>87</sup> e de iniciação à oração mental e à contemplação<sup>88</sup>, de acordo com a doutrina de «alguns Mysticos Doutores»,

<sup>82</sup>D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 17. Muito significativa era essa distribuição de cargos e dignidades («no Céu»). Juiz e juíza: o Espírito Santo e Maria Santíssima; Procurador: Arcanjo S. Miguel; Procuradora eleita: Santa Clara. Tesoureiro: S. José. Escrivão: Santa Teresa. Mordomos: S. João Evangelista, S. João Baptista, S. Pedro, S. Paulo, S. Agostinho, S. Francisco, S. Inácio Mártir (de Antioquia), S. Inácio de Loiola, S. Domingos, S. João de Deus, S. António, S. Bernardo. Mordomas: Santa Ana (Mãe de Nossa Senhora), Santa Maria Madalena, Santa Maria Egípcíaca, Santa Inês (virgem e mártir), Santa Catarina de Alexandria (virgem e mártir), Santa Agueda (virgem e mártir), Santa Catarina de Sena, Santa Marta «hospeda de Nosso Senhor», Santa Joana (Princesa do Reino), Santa Mónica, Santa Brígida da Suécia, Rainha Santa Isabel de Portugal.

<sup>83</sup>D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 42-43.

<sup>84</sup>*Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal*, ed. cit., 451, n.º 1815.

<sup>85</sup>D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 16-17. A esses leigos declarava o autor ter feito ainda o gosto «com a Eleiçam de Procurador o Archão S. Miguel e mais dose Mordomas»

<sup>86</sup>Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 229-308.

<sup>87</sup>Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 69-114

<sup>88</sup>Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 115-181

nele se incentivando nomeadamente à oração de fé simples na presença divina, «sem imagens nem discursos»<sup>89</sup>.

Nas terras onde os seus moradores quisessem estabelecer esta irmandade, elegeriam dois procuradores, um religioso ou clérigo, para receber à dita irmandade os homens, e uma mulher «nobre e virtuosa» para receber as mulheres, sendo a ela convidadas «as pessoas de todos os estados», homens e mulheres<sup>90</sup>. A «primeira e principal obrigação» dos *irmãos* era um grande amor de Deus, «examinando-o em pensamentos, palavras e obras», porque quem não tratasse «de reformar a vida he[ra] escuzado entrar nesta Irmandade»; confessar-se-iam e comungariam cada mês, ou cada quinze dias ou quando os seus confessores o ordenassem; impetrando seus divinos dons, rezariam cada dia, sete vezes, o Padre-Nosso e a Ave-Maria ao Espírito Santo, cuja insignia, que era «huma Pomba dentro em hum coração», haviam de trazer ao peito; no discurso do dia fariam «alguns actos de amor de Deos», dizendo algumas jaculatórias e solilóquios que levantassem seus corações<sup>91</sup>. Com uma dimensão quase exclusivamente espiritual<sup>92</sup>, centrada na dinamização da vida interior e da oração afectiva de cada membro, torna-se difícil avaliar a real importância destas associações, que, pela sua quase imaterialidade institucional, não haveriam de deixar a nitidez de um rasto documental com peso específico. No entanto, não só elas existiram, (e a avaliar pelo testemunho de D. Fernando da Cruz terão sido muito numerosas), como, qualquer que tenha sido globalmente o seu papel, se integraram num vasto e remoto movimento

<sup>89</sup> Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 153-154.

<sup>90</sup> Cf. D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 59-60

<sup>91</sup> D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 62-63.

<sup>92</sup> Atente-se no género de bens e na solidariedade de *corpo místico* deste tipo de irmandades: «todas as riquezas desta espiritual Irmandade sam espirituas riquezas, assi como as penitencias, mortificaçoens, uso dos sacramentos, actos de amor de Deos &c. E os merecimentos de todas estas boas obras dos nossos Irmãos se ajuntam em piedoso monte ou em riquissimo cofre pera cõ elles acudir o nosso Thesoureiro, o Patriarcha S. Joseph à necessidade de cada hum, nos perigos, nas angustias, nos trabalhos, na vida, na morte e no Purgatorio» - D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 65. Quanto às festas desta irmandade, «hão de ser todos os dias de festa e naqueles em que se recebe o Santissimo Sacramento (...) contemplando nestes dias os mysterios que se celebram, (...) aproveitando-se tambem de tudo o que exteriormente ouvirem de Sermoens, ou musica, virem de armaçam ou ornamentos, e perceberem de cheyros ou fragancias, para mais levantarem seu espirito a Deos» - D. Fernando da CRUZ, *Despertador...*, ed. cit., 49. E precisava-se: todas as festas que «pelo discurso do anno» se fazem na Igreja «as devem ter os nossos Irmãos por suas, principalmente a Paschoa do Espírito Santo, trazendo a sua insignia no peito em hum listam encarnado patente à vista de todos. Mas se entre os Irmãos ouver algum que queira fazer festa particular no dia do Espírito Santo, ou na primeira oitava, a fará à sua custa, mas nunca pedindo nada à Irmandade nem fintandoa pera isso, o que muito advirtimos aqui porque esta Irmandade he toda Espiritual, e com as couzas temporaes de manuzear dinheiro nam tem nada» - D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 66.

de difusão entre os leigos de uma espiritualidade centrada na oração mental e na comunhão frequente<sup>93</sup>.

A grande divulgação da oração mental metodizada e a reacção a um austero antimisticismo anterior, oficial no distante terceiro quartel do século XVI<sup>94</sup>, terão tido, no século XVII e primeira metade do século XVIII, um impacto social entre nós que hoje em boa parte nos escapará e nos parece devermos pôr em conexão com a exterioridade de alguns hábitos devotos então registados por observadores nacionais e estrangeiros. Estes últimos sublinham o gosto português pela riqueza e aparato do culto e outrossim por um inconsequente e contraditório alarde público da piedade, nomeadamente patente nos grossos rosários com que muitas pessoas costumavam deslocar-se nas ruas<sup>95</sup>. Curiosamente, Frei António do Rosário, entre outras «vaidades» de Lisboa, apontava a que consistia em comprar na feira oratórios caros<sup>96</sup>, algo que, à partida, poderia significar uma privatização e interiorização da devoção, mas que, pelos vistos, degenerava também em ostentação. Parece que, à medida que se generalizava, a própria oração mental, (à revelia de intenções primordiais subjacentes, de acrisolamento e reforma interior da piedade), tendia a degradar-se em exteriorizações e formalismos espectaculares pouco coerentes. Talvez por isso, nos anos trinta do século XVIII, alguém tenha podido comentar: «Nunca este Reino, e especialmente esta Corte, esteve tão cheo de orações mentaes como neste seculo, e parece-me que nunca, como nestes tempos, esteve tão vazio de virtudes. O de que eu me admiro he da facilidade com que o vulgo dá a estes oradores o título de beatos. (...) Quem em nenhum tempo dá o fruto das virtudes, injustamente leva o título de beato»<sup>97</sup>. A estes «oradores», agora também por antonomásia «beatos», lembrar-se-á, mais uma vez, a necessidade de a vida de oração se fazer acompanhar de ascese, obras, virtudes...

Sem dúvida que foi o crescimento do número destes «beatos» e a dimensão pública das suas práticas que, ao mesmo tempo que arrastou a novas e massivas adesões, provocou reacções sociais de desconfiança,

<sup>93</sup> Apesar de asserção dubitativa quanto à sua existência em Portugal de José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, ed. cit., t. I, 297.

<sup>94</sup> Cf. Maria de Lourdes BELCHIOR e José Adriano de CARVALHO, *Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa*, in *Espirituais Portugueses*, ed. cit., 22.

<sup>95</sup> Cf. *Portugal nos séculos XVII e XVIII, Quatro Testemunhos*, Apresentação, trad. e notas de Castelo Branco CHAVES, Lisboa, 1989, 63 e 174; *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, Prefácio, trad. e notas de Castelo Branco CHAVES, Lisboa, 1989, 56 e 214.

<sup>96</sup> Cf. Frei António do ROSÁRIO (O.F.M. Cap.), *Feyra Mystica de Lisboa...*, ed. cit., 79

<sup>97</sup> *Jardim Sagrado aonde todas as flores sam maravilhas regadas com as correntes que manam da Penha Mística Maria Santissima. Dividido em quatro Quadros sendo seu cultor hum eremita de N. P. S. Agostinho, natural de Caparica*, Lisboa Oc., of. Rita Cassiana, 1736, 247-249.

antipatia e rejeição. Depreende-se da defesa da vida devota feita, entre outros, por Frei Francisco da Anunciação (O.E.S.A.)<sup>98</sup>, que as críticas sociais à «beatice», sempre prontas a subir de ponto, e nas quais entravam, por vezes, vozes de pregadores, se alimentavam de preconceitos e animosidades «mundanas», mas também de outros importantes factores, nomeadamente dificuldades práticas, nos leigos, de conciliação das suas obrigações de estado com esse modelo «beato» de piedade, e uma fácil entrega - «indiscreta» - a grandes ambições espirituais, por parte de quem não tinha suficiente base de preparação espiritual.<sup>99</sup>

Com efeito, em relação àquelas dificuldades dos leigos, se bem atentarmos, verificaremos facilmente que o quadro de piedade proposto pelo apostolado varatojano e jacobeu acabava por ser, de facto, extremamente sobrecarregado de práticas, jejuns e disciplinas, e como tal pouco ajustado às condições concretas de vida e trabalho do comum dos fiéis, facultando fácil degenerescência em excessos e facilmente atraindo do seio da sociedade declamações de incompreensão ou protesto contra essas «invenções» e «invençioneiros»<sup>100</sup>; talvez por esta razão Frei Manuel de Deus achasse mais seguro aconselhar esses leigos devotos, desejosos de perfeição, a fazerem-se terceiros de alguma ordem, onde contavam com uma norma de vida e mortificações determinadas pelos respectivos estatutos<sup>101</sup>. Em

<sup>98</sup> De forma caricatural e sintética, Frei Francisco da ANUNCIAÇÃO assim resumia, criticamente, os argumentos vulgares contra a "vida beata": «Querem muytas pessoas ver a seus proximos muyto virtuosos e bem procedidos, mas apenas os vem convertidos á vida beata, já não pôdem tolerar estas suas fantasias e estes seus procedimentos, e assim não sey qual seja o teor de vida virtuosa que nelles querião ver, mais que huma pintura da sua fantasia e hum ente da razão. Modestia nos olhos? Não, que isso he hypocresia. Divorcio de creaturas? Não, que isso he insociabilidade. Pouco fallar? Não, que isso parece falta de talento. Jejuns? Não, que isso mata a saude. Disciplinas e cilicios? Não, que isso não he necessario. Conversar muyto de Deos? Não, que isso he beatice. Confessar e comungar muytas vezes? Não, que isso he singularidade. Ter duas horas de oração mental cada dia? Não, que isso he demasia. Ler livros espirituaes? Não: que isso he tirar tempo a outras occupaçoens muy proveitosas. Frequentar Igrejas e Oratorios? Não, que isso he andar papando Santos. Logo qual hade ser este teor de vida? Eu não acabo de o entender. Dizem talvés, assim como o de fulano e fulano, que sem essas cousas todas são muyto bem procedidos; e na verdade assim dizia o diabo tambem a Santa Teresa de Jesu» - *Vindicias da virtude*, Lisboa Oriental, Oficina Ferreiriana, 1726, t. II, 364.

<sup>99</sup> Cf. v. g. Frei Francisco da ANUNCIAÇÃO (O.e.s.a.), *Vindicias da virtude*, ed. cit., t. I, Caps. VII e XIX, respectivamente 86-94 e 330-335; t. II, Cap. XXVI, 217-260.

<sup>100</sup> Cf. Pedro Vilas Boas TAVARES, *Ética e dialéctica dos sentimentos nas máximas do varatojano Fr. Afonso dos Prazeres*, in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Vol. II, 493-496. No «perseguir da virtude» por parte dos «maus católicos», resultavam, segundo Francisco da ANUNCIAÇÃO, nomenclaturas «ridículas, infames e ignominiosas»: beatos, santões, manigrepos, talagrepos, invençioneiros, hipócritas, cerimoniaísticos, «e outros mais vocabulos», que se não andavam nos vocabulários, andavam «nas bocas de todos» - *Vindicias da virtude*, ed. cit., t. 2, 393.

<sup>101</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 151.

relação ao modo de fazer a oração mental, as propostas do varatojano Frei Manuel de Deus eram simples e bem tradicionais<sup>102</sup>: preparação, lição, meditação - as meditações correntes da via purgativa -, graças e petição<sup>103</sup>. Far-se-ia ao menos meia hora de oração mental, quotidianamente, mas as pessoas caminhando com mais fervor, teriam ordinariamente duas horas por dia<sup>104</sup>. No entanto, o desejo de «servir a Deus de cara descoberta»<sup>105</sup> e a «excelência» da oração mental pública<sup>106</sup>, incitavam os fiéis a irem quotidianamente à respectiva Igreja, e aqui, em conjunto, tal como em privado, a prostrarem-se de rosto no chão, em adoração, no tempo de preparação anterior à leitura do ponto de meditação, o qual ponto considerariam de joelhos, «fechados os olhos ou inclinados à terra»<sup>107</sup>, o comprazimento nos «afectos interiores», o aparato das atitudes nesta oração pública, e a natural comoção resultante da meditação viva e imaginativa nos novísimos ou da meditação compassiva na paixão, se eram eficazes para mover, não estavam isentas de riscos e de críticas.

Como se sabe, entre nós, os processos missionários, visando levar as massas à compunção e ao arrependimento, foram-se crescentemente barroquizando, e como tal revestindo de extraordinário esplendor gestual e exuberância exterior<sup>108</sup>. Deve no entanto admitir-se que, por cautela, experiência e convicção, boa parte destes missionários, certamente a intelectualmente mais bem preparada, procurava, como sucedia com Frei Manuel de Deus, colocar os fiéis ao abrigo de críticas, aconselhando-lhes

<sup>102</sup> Veja-se idêntica explicação, para principiantes, de quais as partes integrantes da oração mental e a sua distribuição pelos dias da semana, em v.g. S. Pedro de ALCÁNTARA, *Tratado de la Oración y Meditación*, Medina del Campo, por Francisco del Canto, 1587, fls. 13r.º- 87v.º.

<sup>103</sup> 1) Preparação: a) posto de joelhos, depois do sinal da Cruz, o orante fazia actos de fé, (por espaço de sete Avé-Marias, na oração pública), crendo que estava na presença de Deus; b) prostrando-se por terra, (por espaço de cinco Avé-Marias, na oração pública), fazia um acto de adoração; c) «levantado o rosto da terra», ficava de joelhos, e «pondo os olhos na bondade amabilíssima de Deus», fazia o acto de contrição; 2) Lição: de joelhos, lia ou ouvia ler o ponto para meditar; 3) Meditação: recolhendo-se para dentro de si, «sempre na presença de Deus», ou considerando-o dentro da sua alma, «ou considerando todo este mundo como hum deserto», o orante cuidava no ponto escolhido, «misturando alguns afectos» e «falando com o Senhor»; 4) Graças pelos benefícios recebidos; 5) Petição do que lhe era necessário. - Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit.56-62 e 252-254.

<sup>104</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 72.

<sup>105</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 207. Como se sabe, esta é, textualmente, a formulação da primeira de um conjunto de máximas - da jacobea - que, atribuídas ao Bispo de Coimbra Frei Miguel da Anunciação, o Juízo decisivo da Real Mesa Consória há-de condenar em 1769. Cf. Frei António Pereira da SILVA (O. F. M.), *A questão do sigilismo em Portugal no séc. XVIII*, Braga, 1964, 81-85.

<sup>106</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 70 e 354.

<sup>107</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 61.

<sup>108</sup> Cf. Eugénio dos SANTOS, *Missões populares e festa barroca: um aspecto da sensibilidade colectiva*, in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Vol. II, Porto, 1991, 641-648.

uma mediania grave no vestir<sup>109</sup>, e incutindo-lhes, naturalmente, a interioridade como valor indispensável, facultando a oração mental a todos e em todas as circunstâncias<sup>110</sup>. No entanto, o maior risco era então a atracção pelo maravilhoso na vida espiritual. Por isso, o mesmo Frei Manuel de Deus não deixava de para ele alertar, com uma norma clara de procedimento:

«Encomendote muyto, que te guardes de hum erro em que cahem alguns principiantes, que como ouvem dizer os favores que nosso Senhor faz na oração aos seus servos, começam a ter desejos de que lhe apareça o Menino Jesus, (isto he mais ordinario em mulheres, que muitas vezes, pela ancia com que o desejo, cahem em terriveis enganos, causados da sua viva imaginação ou do demonio). Antes se alguma vez tivesses alguma visão, ou cousa que não tivesse natural, o que devias fazer, repara bem, era não fazer nenhum caso, era continuar a tua oração, como se tal cousa não tivera passado por ti; porque ou ela foy de Deos ou do demonio; se foy de Deos, ainda que a desprezes, sempre dará fruto, se foy do demonio, desprezada, não te será dano»<sup>111</sup>.

Quase sempre com níveis de cultura e extracção social inversamente proporcionais às respectivas ambições de triunfo na vida espiritual e de consideração social<sup>112</sup>, não admira muito que as beatas, estimuladas a um protagonismo frequentemente fruto de uma doutrinação impressiva mas débil, fossem tão atreitas a este género de «enganos». De

<sup>109</sup> Cf. Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 153.

<sup>110</sup> Na linha da tradição *recogida* quinhentista, inculca-se ao leigo um meio fácil «para conservar», durante todo o dia, «a presença de Deus», em tudo «merecendo»: «Ó que lastima ver andar um homem suando com o cançasso, affadigado com lidas, sem merecer para com Deos nada, podendo ser cada gota do seu suor huma pérola, e cada acção finissimo ouro, sem lhe accrescentar mais que hum *Seja por vosso amor!* (...) Se havias de trabalhar quatro horas e ganhar hum tostão, trabalhando por amor de Deos, fica o trabalho mais suave, e além do tostão que ganhas, podes ter à noyte juntos tantos merecimentos, que valhão mais que mil mundos. (...) Estende, estende os olhos por todo o mundo, vê as Cortes, as Universidades, os Tribunaes, as Cadeyras, e tudo o que daqui se segue; vê os militares nas campanhas, nas sentinelas, nas batalhas; entra pelas logeas, pelas praças, pelas feyras, pelos mares, e pelas minas; levantate da terra, e olha para bayxo. Ó quanta gente verás cega, desperdiçando por descuydo thesouros, que podia adquirir com pouco cuydado!» - Cf. Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 74-79. O exterior não impediria a oração: «Já te disse que havias de orar de joelhos, mas se não poderes de joelhos, ora em pé, se não poderes em pé, ora sentado, se nem poderes sentado, ora deytado. E se totalmente for tanta a tua occupação algum dia, que não possas ter a tua oração como costumas, porque te he preciso fazer jornada ou occupar em alguma obra, elege sempre meya hora, ou andando, ou lavrando, ou cozendo, em que faças a tua oração do modo que poderes» - Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido*, ed. cit., 73.

<sup>111</sup> Frei Manuel de DEUS (O.F.M.), *Pecador convertido...*, ed. cit., 68.

<sup>112</sup> Cf. Francisco PONS FUSTER, *Místicos, beatas y alumbrados. Ribera y la espiritualidad Valenciana S. XVII*, Valência, 1991, 153-156; José L. SÁNCHEZ LORA, *Mujeres, conventos y formas de religiosidad barroca*, Madrid, 1988, 341-346.

uma forma bastante contundente, com o pensamento em castigos públicos e ruinosos casos dos seus dias, o sacerdote da arquidiocese bracarense Francisco Rebelo, apelando para a autoridade de Santa Teresa, de S. João da Cruz e do Bispo de Osma, D. Juan de Palafox y Mendoza, procura mostrar como iam «erradas aquellas almas de quem and[av]ão voando com asas de papel as revelações, profecias, extasis, arrebatamentos, visões, locuções, desmayos, ancias e feridas do amor de Deos, mortificações, abstinencias e virtudes em sumo grão, consideradas com grande vangloria por todo o mundo», exortando-as a não se meterem a escrever essas presumidas «graças», frequentemente imaginadas a partir de «tintas apparentes», «fabricadas» com exemplos alheios ou ouvidos «de alguns livrinhos mysticos»<sup>113</sup>. Ousava mesmo apontar o dedo a certos padres espirituais que publicavam estas santidades e milagres, «já gavandoas, já mandandolhes escrever as suas vidas, já escrevendo e publicando por cartas e tratados as revelações e virtudes de seus filhos espirituaes», e declarava-lhes:

«Devem fazer tanto caso das revelações e profecias que lhes contão os penitentes como de sonhos, parvoisses e cousas de fraca cabeça; cuydem muyto da pratica das virtudes e mortificações e da pontual imitação de Christo, leyam o que escreve das revelações o veneravel Padre Murillo *In scala spiritual* tom. I, c. 11<sup>114</sup>. E saybam que estas materias de que tratamos são horrendas e perigosas em extremo, em que se confunde o Mundo e perdem o Juizo os homens mais santos e doutos, entrando em o laberinto de revelações de Beatos ou Beatas»<sup>115</sup>.

Difícilmente se suporá que palavras como estas, pela sua incidência prática, não fossem ferir algumas susceptibilidades nos meios devotos. Francisco da Anunciação faria, como se sabe, uma defesa vibrante da vida beata no conceito público, recriminando aqueles que, como pastores, eram lesto em declamar, na praça pública, desconfianças em relação aos beatos. Todavía, os castigos públicos do Santo Officio patenteavam que, sob cor de santidade, havia gente a fazer passar "baixo metal", situação grave e evidentemente reconhecida pela insuspeita e mordaz pena do teólogo agostiniano, desejoso acima de tudo de silenciar as críticas dos inimigos da vida devota, pela reposição de uma correcta definição de «teologia mística, ou arte de servir a Deus»:

<sup>113</sup> Fá-lo no seu pequeno compêndio, «muito necessário» a «todo o estado de pessoas que se desejão salvar e unir a Deos», intitulado *Resumo de Theologia Mystica em que com clareza, brevidade e boa doutrina se aprende a dita Theologia e cousas admiraveis na materia do espirito*, Lisboa Ocidental, António Pedroso Galvão, 1727, 118 e 127-128.

<sup>114</sup> Refere-se a Diego MURILLO (O.F.M.), *Instrucción para enseñar la virtud a los principiantes y Escala espiritual para la perfección evangélica*, Zaragoza, 1598, 2 vols.

<sup>115</sup> Francisco REBELO, *Resumo de Theologia Mystica*, ed. cit., 128-129.

«Perguntay a huma mulher devota, entre as beatas Decana, como lhe vay de espirito? Respondervoshà que mal, porquanto em tantos annos de oração ainda não vio o menino Jesu *vestidinho de encarnado*: noutra occasião vos responderá muyto contente que na vida espiritual està muyto aproveytada, porque já lagrimejou muyto na oração de ontem á noute, já sonhou, estando acordada, que via o Diabo em figura de hum rato, já vio, estando dormindo, ao Papa e os Cardeaes, vestidos todos de amarello»<sup>116</sup>.

Nos fins do século XVI e princípios do XVII, coincidindo com uma renovação das orientações místicas um pouco por toda a Europa, manifestara-se de novo, com outro enquadramento por parte das autoridades hierárquicas, o gosto social pelas manifestações extraordinárias e o interesse pela literatura de revelações e visões, desembocando, num amplo movimento de leitura, escrita e edição de biografias místicas e devotas e numa atitude de mimetismo espiritual em relação a esses místicos medievais e modernos<sup>117</sup>. Ao lado do mundo claustral e clerical, vastas zonas do mundo dos leigos, nas quais actuava não apenas o sermão, a prática, um ensino directo e reiterativo e a direcção espiritual, mas também crescente procura de leituras espirituais, zonas essas nas quais se destacavam, pela sua militante busca de santidade, terceiros e terceiras, beatos e beatas, iriam mostrar-se, como era de supor, altamente sensíveis à valorização dos humildes pelos místicos<sup>118</sup>, e muitos desses leigos - e leigas, sobretudo - iriam pedir à teologia mística a realização de sonhadas «cavalarias ao divino».

D. Fernando da Cruz reconhecia que se tinham multiplicado os caminhos das almas para a oração e que a cada pessoa convinha seguir o seu<sup>119</sup>; mas sendo efectivamente certo que cada pessoa era e é um mundo, se se tivesse de esquematizar um trajecto de oração comum ao mundo beateril, ver-se-ia que a maioria das beatas começavam o seu itinerário espiritual com a prática da oração vocal, cedo se adentravam na meditação imaginativa e sensível da gravidade do pecado, novísimos, mistérios da vida e paixão de Cristo, até frequentemente virem a aceder, por apaziguamento do entendimento - faculdade esta entendida ao serviço da vontade - e superando o mero estádio de meditação discursiva, à contemplação quieta ou oração de quietude<sup>120</sup>. Vê-se que chegadas aqui, começavam muitas vezes a acusar «favores divinos» na oração, e entre eles

<sup>116</sup> Frei Francisco da ANUNCIACÃO (O.E.S.A.), *Vindicias da virtude*, ed. cit., t. II, 187.

<sup>117</sup> Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Lisboa, INIC, 1981, 285-290.

<sup>118</sup> Cf. Michel de CERTEAU, *La fable mystique, XVI.e - XVII.e Siècle*, Paris, 1982, 43, e 139-145.

<sup>119</sup> D. Fernando da CRUZ, *Despertador do Amor Divino*, ed. cit., 146-147.

<sup>120</sup> Cf. Martín MELQUÍADES ANDRÉS, *Los recogidos*, ed. cit., 408-409.



extâses, arroubos, visões e revelações<sup>121</sup>. Por isso, já Santa Teresa fornecera importantes «avisos» relativos à oração de quietude: tratava-se de distinguir a «ilusão» e o auto-convencimento das verdadeiras «mercês» de Deus na oração<sup>122</sup>. E, valorizando embora o papel da mulher na vida da Igreja<sup>123</sup> e reconhecendo que quando andara no mundo, o Senhor quisera favorecer com muita piedade as mulheres<sup>124</sup>, ao mesmo tempo, Santa Teresa recordava a especial fraqueza natural do sexo feminino, mais propenso a melancolia e excessos de imaginação<sup>125</sup>.

### 3. *Vidas*. Beatas boas e beatas más. Santas verdadeiras e falsas

Impunha-se então a «discretio spirituum» por parte da hierarquia, a quem competia promover a verdadeira santidade e perseguir a falsa, fosse esta por «ilusão» ou deliberado embuste. Os teólogos mestres de espírito, e, em última análise, os examinadores e qualificadores do Santo Ofício, podiam fundamentar os seus pareceres recorrendo a trabalhos já consagrados de especialistas nesta área<sup>126</sup>. No entanto, no confronto das beatas com o

<sup>121</sup> Cf. Francisco PONS FUSTER, *Místicos, beatas y alumbrados*, ed. cit., 171-175

<sup>122</sup> Cf. *Libro de las Fundaciones*, I, Cap. 6, 693-699 e Cap. 8, 703-705; *Cuartas Moradas*, Cap. 3, 502-507; *Sextas Moradas*, Cap. 4, 536-540 e Cap. 10, 560-562, in *Obras Completas*, edição, transcrição, introdução e notas de Efrén de la Madre de Dios, O.C.D., e Otger Steggink, O.C., BAC, Madrid, 1986.

<sup>123</sup> Cf. Jodi BILINKOFF, *Woman with a mission: Teresa of Avila and the apostolic Model*, in AA. VV., *Modelli di santità e modelli di comportamento*, 295-305.

<sup>124</sup> « (...) ni aborrecistes, Señor de mi alma, cuando andávades por el mundo, las mujeres, antes las favorecistes siempre con mucha piedad y hallastes en ellas tanto amor y más fe que en los hombres, (...) sois justo juez y no como los jueces del mundo que - como hijos de Adán, y, en fin, todos varones - no hay virtud de mujer que no tengan por sospechosa. Sí, que algún día ha de haver, Rey mío, que se conozcan todos. No hablo por mí, que ya tiene conocido el mundo mi ruindad, y yo holgado que sea publica; sino porque veo los tiempos de manera que no es razón desechar ánimos virtuosos y fuertes, aunque sean de mujeres» - *Camino de perfeccion*, Cap. 4, I (in *Obras Completas*, Madrid, 1986, 249-250).

<sup>125</sup> «Têngase aviso que la flaqueza natural es mui flaca, en especial en las mujeres - y en este camino de oración se muestra más - y así es menester que a cada cosita que se nos antoje, no pensemos luego es cosa de visión; porque crean que, quando lo es, que se da bien a entender. Adonde hay algo de melancolía es menester mucho más aviso (...)» - *Libro de las Fundaciones*, I, Cap. 8, 6 e *passim*.

<sup>126</sup> Cronologicamente próximos às disputas em torno da publicação da *Mística Cidade de Deus*, da Madre Maria de Jesus AGREDA (1.ª ed., Madrid, 1670), Sara CABIBBO («*Ignoratio scripturarum, ignoratio Cristi est*». *Tradizione e pratica delle scritture nei testi monastici femminili del XVII Secolo*, in *Rivista Storica Italiana*, 8 (CI), 1989, 93-94) lembra dois clássicos: Domingos GRAVINA (O. P.), *Lapis lydius ad discernendas veras a falsis visionibus et revelationibus*, Nápoles, 1638, e Cardeal João BONA (O. S. B.), *De discretione spirituum*, Roma, 1672; e precedentes «ilustres»: Henrique VRMARIA, *Liber de quattuor instinctibus* (de datação incerta, anterior ao século XIV); Henrique de ASSIA, *De discretione spirituum* (da segunda metade do século XIV); João NYDER, *Formicarius* (dos primeiros anos do século XV); João

crivo teológico oficial, não podem ignorar-se situações condicionantes de foro extra-teológico, como de ordem meramente social ou sócio-cultural<sup>127</sup>. E pode mesmo aceitar-se que em Portugal, como em outros quadrantes<sup>128</sup>, sob pressão dum processo geral de reforço de fronteiras inter-estamentais e de acentuação da componente institucional da Igreja, outrossim sob pressão dos "valores" aristocráticos e monásticos cultos<sup>129</sup>, à medida que o tempo passa, mais o comportamento místico se vai tornando menos tolerado fora dos claustros. Também em Portugal, para fenomenologias místicas idênticas, os teólogos parecem mais rigorosos e implacáveis com as beatas do que com as religiosas. À partida, nesse seu «discernimento dos espíritos», manifestam também maior desconfiança quanto à fragilidade da natureza feminina, relativamente à masculina, no respeitante aos enganos da imaginação e às insinuações do Espírito Maligno<sup>130</sup>, numa desvantagem que se agrava com a rusticidade da mulher<sup>131</sup>. De resto, embora em Portugal se possam

GERSON, *De probatione spirituum* (1401). As obras destes dois últimos autores foram, como se sabe, impressas e várias vezes reeditadas ao longo dos séculos XVI e XVII; a autora citada informa ainda que as obras dos dois primeiros foram impressas em 1652 em Antuérpia, no volume *De spiritu*. Poder-se-ia lembrar também Luís BELLUGA, *De bono divinarum revelationum*, Cuenca, 1631. Em romance, para meados de seiscentos, acrescentar-lhes-ia dois outros títulos, bem indicativos da premência desta tarefa pastoral de discernimento: Jerónimo PLANES, *Examen de revelaciones verdaderas y falsas y de los raptos*, Valência, 1634; Hernando de CAMARGO Y SALCEDO (O. S. A.), *Luz clara de la noche oscura: unico exemplar de confesores y penitentes sobre materia de revelaciones y espiritu de profecia, historial y doctrinalmente declarada para bien de todos*, Madrid, 1650. Apresentando critérios de discernimento para ajudar os directores espirituais a guiarem as almas «por el camino del verdadero espíritu y de vivir en fe una vida espiritual segura y agradable a Nuestro Señor», em 1636 compôs Frei Juan de JESUS MARIA (O. C. D.), *Guia interior*, ed. e notas de Daniel de PABLO MAROTO, Madrid, 1987.

<sup>127</sup> Cf. v. g. Bernard GORCEIX, *Flambée et Agonie. Mystiques du XVII.e siècle allemand*, Paris, 1977, Cap. I, 33-36, *passim*.

<sup>128</sup> Cf. Jean-Michel SALLMANN, *La sainteté mystique féminine à Naples au tournant des XVI.e et XVII.e siècles*, in AA. VV., *Culto dei santi...*, ed. cit., 683-701.

<sup>129</sup> Cf. Sara CABIBBO, «*Ignoratio scripturarum, ignoratio Christi est*»..., ed. cit., 85-124, principalmente 94-97.

<sup>130</sup> Cf. Jean-Michel SALLMANN, *Esiste una falsa santità maschile?*, in AA. VV., *Finzione e santità...*, ed. cit., 124 -127.

<sup>131</sup> Em 14 de Abril de 1674, de Coimbra, do Colégio de Santo António, respondendo a uma solicitação da Mesa de Coimbra para qualificar o procedimento e modo de curar de uma tal Maria da Cruz, que se mostrava «favorecida de Deus», Frei Manuel de Santo Atanásio (O. F. M.) patenteava no texto da sua qualificação uma atitude típica: «*Bastava somente ser molher para ser sujeito mais apto e occasionado a ser enganado do demonio*, por duas causas, que douttissimamente trata Castro de justa haereticorum punitione tt.º 1, cp. 15. A 1.ª he a muita credulidade das mulheres, por cuja cauza este sexo he mais facil para o engano, e muito mais facil se se veste de alguã specie de devação ou santidade. A 2.ª cauza he a fragilidade do mesmo sexo, maxime si comitetur libidine. E como o demonio conheça estas (senão naturezas) propriedades innatas das mulheres et deinde o temperamento e inclinação particular de cada individuo, inde est que mais facilmente engana e mais se aproveita dos sujeitos das mulheres para a sua ruina, e offensa de Deos, a quem tanto aborrece. *Accrescenta ainda a minha confirmada sospeita o ser*

apontar exemplos, mesmo no segmento laical, de homens penitenciados por fingida santidade<sup>132</sup>, o crescente protagonismo da mulher e uma espécie de nova repartição das tarefas sociais, a nível devoto, favoreceu aqui a maior dedicação feminina ao «exercício ilegal da santidade», e como tal uma muito maior «publicidade negativa» consagrada à santidade feminina<sup>133</sup>.

Em dia de Domingo, perante grande concurso de gente, o auto-de-fé, com a leitura pública dos «delitos», tornava-se a maior fonte de descrédito para «mulherzinhas de cântaro», contra o parecer de «padres graves» também elas metidas a teólogas, visionárias ou «favorecidas» de Deus. Em listas de penitenciados de autos-de-fé encontramos numerosos exemplos dessas mulheres humildes que, sobretudo, viam na santidade uma forma de «ganhar o seu pão» e se afirmar socialmente. Assim, na Lista de um auto realizado no Terreiro do Paço, em Lisboa, a 15 de Dezembro de 1658, vemos sair a açoitar, condenada a seis anos no Brasil, uma mulher terceira, de 50 anos, solteira, filha de Jorge Antunes «que foi oleiro», natural e moradora no lugar de Merceana, termo de Aldeia Galega, «por dizer que sabia com quem Deus estava bem e quem se havia de salvar, e que Deus a fizera santa, fingindo muitas revelações e favores do Ceo»<sup>134</sup>. Em 17 de Outubro de 1660, em auto realizado no mesmo local, aparecem-nos mais duas mulheres, moradoras em Lisboa, castigadas com açoites e degredo para o Brasil «por fingir[em] visões e revelações e proferir[em] proposições heréticas, malsoantes e escandalosas»: Maria da Cruz, de 42 anos, solteira, filha de Belchior Gomes, «oficial de pineiras», natural do lugar do Lorido, concelho de Borim, Arcebispado de Braga, e Joana da Cruz, de 56 anos, terceira, filha de Simão Jorge, lavrador, natural de S. Pedro de Dous Portos, termo da vila de Torres Vedras<sup>135</sup>. Em 14 de Julho de 1686, em auto realizado na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, sai Maria Brás, de 50 anos, mulher de Manuel Machado, moleiro, natural e morador no lugar do Tojal, termo de Lisboa, por "dotes" muito particulares: «fingir se metiam em seu corpo almas da outra vida a fim de se salvarem»<sup>136</sup>. Em 10 de Abril de 1691 ouve a sua sentença na sala da Inquisição de Lisboa mais uma beata

---

*Rustica, porque de gente deste lote se val pella mayor parte o demonio para semear seos embustes, enganos e falsas santidades, ainda debaixo da mayor devação (...)* (itálico nosso) - A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 194, Do Processo de Maria da Cruz*, fl. 270.

<sup>132</sup> Cf. Pedro Vilas Boas TAVARES, *Molinismo e desculpabilização*, in *Via Spiritus*, 2 (1995), 230-235.

<sup>133</sup> Expressões de Jean-Michel SALLMANN, *Esiste una falsa santità maschile?*, in AA.VV., *Finzione e santità...*, ed. cit., 119.

<sup>134</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 436*, fl. 125.

<sup>135</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 436*, fl. 194.

<sup>136</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 436*, fl. 276.

visionária penitenciada por embuste<sup>137</sup>, e nesta última década do século e na primeira metade do século XVIII estes casos multiplicar-se-ão<sup>138</sup>. Mas o tribunal não se esquecia dos mentores ou cúmplices que frequentemente existiam neste casos. Assim - são meros exemplos - em 10 de Março de 1673, Brites Gomes, «veuva de Manuel Fernandes Balofó, ministra dos terceiros», denunciava no Santo Ofício o facto de Frei António de S. Bento (O.F.M.) ter anunciado sem êxito a data da morte de Ângela Machada ou das Chagas, uma visionária terceira de S. Francisco, sua confessada<sup>139</sup>, e em 2 de Março de 1700, Frei Maseu de S. Francisco, religioso arrábido morador no Convento de S. Pedro de Alcântara era mais uma vez «admoestado em forma» e mandado a seu cárcere na Inquisição «por afirmar serem verdadeiras as visões de Maria de Jesus», uma beata presa «por fingir visões» e a essa data já defunta<sup>140</sup>. Outros padres sairão em auto por publicitarem as virtudes de beatas por si dirigidas, cujas *vidas* quiseram escrever e autorizar<sup>141</sup>.

O Santo Ofício investigava também, evidentemente, as religiosas, e em caso de uma devassa conclusiva pelo fingimento ou «espírito mau» de alguém, o castigo não se fazia tardar<sup>142</sup>. O interior dos conventos não escapava à vigilância inquisitorial em matéria de manifestações extraordinárias na vida espiritual, só que aqui a vida regular fornecia à autoridade hierárquica instâncias de filtragem, mediação e controlo mais seguras e estáveis do que as existentes na vida secular, de modo que nesta última se concentravam maiores cuidados preventivos e repressivos.

Perante as autoridades vigentes, colocando em confronto o claustro e a rua, a religiosa regular e a beata, esta saíria quase sempre a perder, como parte mais frágil. Conta o Padre Baltasar Guedes, numa «Inquiriçam da

<sup>137</sup> Cf. B. N. L. *Cód. 862, Sentenças do Santo Ofício, Inês da Conceição* (terceira franciscana, natural do lugar das Pias, freguesia de Santa Luzia, termo da Vila de Moreira e moradora em Lisboa).

<sup>138</sup> Cf. Maria Luísa BRAGA, *A Inquisição em Portugal, primeira metade do séc. XVIII*, Lisboa, 1992, 200, 307-309. Por vezes estes casos de embuste são de uma boçalidade extrema: Marta Louzeira, mulher de António Estevens, trabalhador, natural da aldeia dos Barregões, termo da vila de Messejana, além doutras "revelações" debitadas, chegara a apresentar-se como Nossa Senhora e a fingir que dizia missa. No mesmo auto-de-fé realizado em 16 de Março de 1698 na Igreja do Convento dos Lóios de Évora, foi penitenciado um tal Bento Assunção, entre outras coisas, «por fingir que a Virgem o levara ao Ceo e ao Inferno» - B. A. D. E., *Cód. VI/1-43*, fl. 85.

<sup>139</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 235*, fl. 462.

<sup>140</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 248*, fl. 250.

<sup>141</sup> Cf. José Lourenço D. de MENDONÇA, e António Joaquim MOREIRA, *História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal*, ed. cit., [177]; cf. Pedro Vilas Boas TAVARES, *Molinismo e desculpabilização*, in *Via Spiritus*, 2 (1995), 228-230, 235-240.

<sup>142</sup> Desde o início do seu funcionamento até 1668, só pela Inquisição de Évora, terá havido a detenção de 19 freiras e 43 frades (António Borges COELHO, *Inquisição de Évora*, Vol. I, Lisboa, 1987, 371).

Vida e Morte da Madre Leocádia da Conceição», que fora sua confessada, do Mosteiro da Madre de Deus de Monchique, que certa ocasião pedira para falar com esta religiosa franciscana determinada «mulher beata que fazia caminho por esta cidade»; chegada a religiosa franciscana ao ralo, «as primeiras boas-vindas» tinham sido chamar-lhe «invençoneira» e invectivá-la, ameaçando-a com o castigo do Santo Ofício. Passado pouco tempo, quem efectivamente era presa era essa beata, que ele próprio, encontrando-se então em Lisboa, vira «sair a açoutar pelas ruas públicas»<sup>143</sup>.

Valerá a pena pôr os olhos num caso particularmente significativo, entre outros aspectos, porque passado com uma religiosa tia e madrinha do Doutor João Duarte Ribeiro que, precisamente como inquisidor da Mesa de Coimbra e deputado do Conselho Geral do Santo Ofício, seria chamado a intervir directamente num caso de "falsa" santidade: o caso dos processados molinosistas de Midões.

Mariana da Purificação, nascida em 1623, de uma família de mediana fortuna, tinha quinze anos e vivia em casa dos seus pais, em Lisboa, quando, no contexto de uma precoce e promissora santidade de vida, plena de mortificações e cilícios, começara a receber «os favores de Cristo» na oração, e entre eles as dores da coroa de espinhos às Sextas-Feiras<sup>144</sup>. De leiga devotíssima, confessada dos Padres da Divina Providência<sup>145</sup>, passaria ao Convento da Esperança, em Beja, de carmelitas calçadas, onde era capelão um seu irmão, carmelita também e missionário. Uma vez aqui, «tocou mysticamente as ultimas balizas da santidade»: suspensões, êxtases,

<sup>143</sup> Cf. Padre Baltazar GUEDES, *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N. S.<sup>a</sup> da Graça*, «Introdução» de A. de Magalhães BASTO, ed. cit., 152. Entre outras «coisas notáveis e visões prodigiosas» contadas por Baltasar Guedes, no seu depoimento, feito no paço episcopal no dia 15 de Setembro de 1687, referiu que a «serva de Deus» lhe comunicara um dia «que, estando no Coro, lhe aparecera o encoberto, que declarava ser El-Rei D. Sebastião», visão essa que lhe aparecera muitas mais vezes, nomeadamente no dia em que lhe mandou desse graças a Deus pela vitória das linhas de Elvas, uma batalha já dada, «suposto ainda não tivesse chegado a notícia» (cf. *ibid.*). Sobre esta franciscana de Monchique, natural de Freixo-de-Espada-à-Cinta e falecida em 1686, pode consultar-se uma interessante biografia, acabada a 14/12/1689, escrita por uma religiosa que com ela privou muitos anos, intitulada *Breve relação da vida da muito veneravel Madre Leocádia da Conceição, do muito recoleto Convento de Monchique*, inserida num códice sebastianista da B. N. L., o *Cod. 551*; além dos escritos sebastianistas, do século XVIII, nele se incluem profecias do Padre António da Conceição (C. S. J. E.), escritas «por sua mão, que se acharão por sua morte» (cópia do século XVIII).

<sup>144</sup> Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentos da prodigiosa vida da muito favorecida e amada Esposa de Jesu Christo, a Veneravel Madre Marianna da Purificação*, Lisboa, of. António da Silva, 1747, 9-12.

<sup>145</sup> E particularmente de D. António Ardizone Spínola, segundo o biógrafo. Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentos...*, ed. cit., 31 e 71.

visões, levitações, leitura do interior das almas, espírito de profecia<sup>146</sup>... A sua vida parecia «hum continuo e arrebatado voo do espirito», e raras vezes recebia as espécies sacramentais que não ficasse «alienada do sentido» em «amorosa fruição» no «divino lado» de Cristo<sup>147</sup>. Conhecida como a *freira santa de Beja*, o próprio D. Pedro II se viria a socorrer das suas orações<sup>148</sup>. Mas algumas pessoas disseram «ser uma hypocrita, e que os milagres que a fama publicava erão suppostos pelos seus apaixonados, e que os extasis e vizoens erão do Principe das trevas... revestido em anjo de luz»<sup>149</sup>. Causando grande sobressalto nas religiosas, a inquisição de Évora procedeu, na expressão do biógrafo da freira, a «um prudente e rigoroso exame» no convento, no qual foi aprovado o «espírito da Madre Mariana»<sup>150</sup>, para cujo efeito «deu muita luz», com os seus «verídicos testemunhos», o carmelita Frei António de Escobar, custódio, definidor e cronista da província, seu confessor e confessor daquela casa<sup>151</sup>. No final, o inquisidor João da Costa Pimenta levou consigo quanto até àquele tempo tinha escrito a religiosa, por mandato do seu confessor<sup>152</sup>.

Depois disto, como Frei António de Escobar se alargasse na difusão das "maravilhas de Deus" obras pela *freira santa de Beja*, o Santo Ofício voltou a intervir. O Conselho Geral resolveu que Frei António de Escobar fosse chamado à Mesa de Évora e aí lhe fosse ordenado que não escrevesse nem divulgasse «os chamados milagres, extasis, revelações e favores» que se dizia que Deus fazia à dita religiosa, nem desse ou aplicasse cousas desta religiosa a pessoa alguma, «sã ou doente», e que «disso se fizesse termo por

146 Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentsos...*, ed. cit., 68-95; cf. *ibid.*, «Informação» de Frei António de Santa Maria (O. S. A. D.), censor do Paço.

147 Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentsos...*, ed. cit., 62 e 69.

148 Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentsos...*, ed. cit., 251-252.

149 Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentsos...*, ed. cit., 98.

150. Demorou sete semanas este exame; o biógrafo (*Fragmentsos...*, ed. cit., 102-103) reproduz um relato da freira que mostra a deferência dos examinadores para com ela: «e como naquele Tribunal se esmiuçava e apurava tanto qualquer destas cousas [favores espirituais], já me faltavam as forças, porque se Deos me não ajudara e o Espírito Santo me não assistira, (...) só o pejo que eu tinha de estar cara a cara diante daqueles Ministros, dizendo e ouvindo, sendo a que sou, bastava para diminuirme muito as forças, e elles bem o entendião assim, porque à Madre Priora disserão que enquanto elles alli andavão, me alentasse e me não deixasse passar sem comer alguma cousa, e eu com haver mister forças não era em mim comer, que se não fora terem cuidado em mim, eu de mim o não fizera» (itálico nosso).

151 Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentsos...*, ed. cit., 103. Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, 260, col. b.

152 O biógrafo (*Fragmentsos...*, ed. cit., 103) não apresenta este gesto como um acto de arquivamento, com significado implicitamente dissuasor e fomentador do silêncio; segundo Frei Caetano do Vencimento, este inquisidor levou consigo os escritos «para brindar com tão precioso mimo ao Excellentissimo Senhor João Duarte Ribeyro, sobrinho e afilhado da Veneravel Marianna».

elle assinado»<sup>153</sup>. A freira continuaria em vida, no entanto, com a sua auréola de santidade, nos seus «prodígios» figurando o vaticínio do segundo casamento de D. Pedro II, do nascimento do futuro D. João V e da morte da rainha D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo<sup>154</sup>. Morreu em 1695, com 72 anos, contando trinta e dois de hábito<sup>155</sup>.

Outras vidas «admiráveis» continuariam a preocupar o Santo Ofício: em datas próximas, o Conselho Geral procuraria informar-se sobre o «livro da beata do Louriçal»<sup>156</sup>, e no Convento da Conceição, também em Beja, a Inquisição de Évora investigaria «os extasis e arrebatamentos, visões e revelações de Ilena da Visitação e Dona Lianor Cabral e Vera de Santo Antonio»<sup>157</sup>. Quanto a Mariana da Purificação, ainda assim, a sua «prodigiosa vida» deveria esperar pelo distante ano de 1747 para merecer as honras do prelo<sup>158</sup>.

<sup>153</sup> A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 153, Cad. 3*, fl. 36. Resolução de 1 de Outubro de 1672.

<sup>154</sup> Cf. Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentos...*, ed. cit., 313-315.

<sup>155</sup> Frei Caetano do VENCIMENTO (O. C.), *Fragmentos...*, ed. cit., 357.

<sup>156</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro 361*, fl. solta e inumerada. Na lacónica nota de *memorandum* inscrita na referida folha apenas se diz que o Conselho Geral iria pedir à Inquisição de Coimbra informações sobre este livro. Estamos em crer que o Conselho Geral se referia ao livro ms. da vida de Maria Brites, beata, (depois a Madre Maria do Lado, fundadora do Convento de clarissas do Louriçal), composto por Frei Bernardino das Chagas, próximo à data da morte desta religiosa, sua dirigida. Redigida sob esta forma, não nos parece que esta nota se refira a uma outra vida ms. existente no A. N. T. T., o *Livro 62 do Conselho Geral do Santo Ofício*, tratando das *Memórias da vida e virtudes da Serva de Deus Soror Maria Joana, Religiosa do Convento do Louriçal*.

<sup>157</sup> Cf. A. N. T. T., *Conselho Geral do Santo Ofício, Livro n.º 97*, fl. 89 (Carta da Inquisição de Évora ao Conselho Geral, datada de Beja, 27/6/1689).

<sup>158</sup> O que nos parece sinal duma renitência circumspecta das autoridades às movimentações publicitadoras por parte da ordem do Carmo e da família Duarte, família da *freira santa de Beja*, à qual pertencia também Frei Caetano do Vencimento, irmão do Padre João Duarte, por quem os *Fragmentos* foram «dados à luz». Na «Prefação», Frei Caetano do Vencimento, fazendo-se eco e apoiando-se na consagração da santidade da freira de Beja, entretanto operada (elogios do Padre Manuel Bernardes no t. IV da *Nova Floresta*, de Frei Agostinho de Santa Maria no t. VI do *Santuário Mariano*, do Padre António Franco, S. J., na *Imagem da Virtude*), ainda assim confessa ter duvidado «se seria mais prudente escrever ou ocultar alguns favores» extraordinários concedidos à religiosa. Revela ainda que, perdidas totalmente as esperanças de alcançar os primeiros manuscritos, se baseou apenas em uns quinze cadernos «da conta que dava [a freira] da sua consciência» ao seu segundo confessor, Frei João da Luz (O. C.). Frei Caetano do Vencimento conserva, em itálico, a «mesma frase» da religiosa. Frei João da Luz conservou consigo estes cadernos, e depois da morte de Mariana da Purificação, entregou-os às suas «reformadas sobrinhas», advertindo-lhes «a estimação que se devia a tão preciosas letras, e as cautelas com que devião entesourar estas únicas relíquias» (*Fragmentos...*, ed. cit., 293); estes cadernos houve das mãos das sobrinhas Frei Caetano do Vencimento. Sobre esta religiosa pode ainda ler-se: Frei Miguel de AZEVEDO (O.C.), *Memorial das instructivas palavras e edificantes obras da veneravel madre Marianna da Purificação*, Lisboa, Of. Simão Tadeu Ferreira, 1802 (cf. Inocêncio F. da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português*, t. VI, 225-226).

Alfobres de oração, mesmo se aí chegavam fortes os ruídos e dissipações do século<sup>159</sup>, não foi o medo e a prevenção da vigilância inquisitorial relativamente às fenomenologias místicas que, aparentemente, fez abrandar na gente do claustro a atracção e fascínio do maravilhoso e do extraordinário. O impacto causado por grandes figuras canonizadas de santos e santas místicos expressava-se num comportamento de imitação mimética, e, como diz Eulogio Pacho, não era por então necessária uma dimensão espiritual demasiado elevada para encontrar pena de biógrafo, ou para que o confessor impusesse à religiosa, sua dirigida, "relação escrita" da sua consciência<sup>160</sup>.

Fundado em 1633 por Leonor de S. Francisco, «no mundo» D. Leonor Filipe, que em 1603 tomou o hábito em Toledo, donde era natural, e por um pequeno núcleo inicial de religiosas vindas de Manila, o mosteiro de S. Clara de Macau, a crer no memorialista das suas religiosas, notabilizou-se pelo alto nível espiritual dessas fundadoras e posteriores professoras, durante esse século<sup>161</sup>. De harmonia com a auréola mística do seu convento de origem, Maria Madalena da Vera Cruz começou a ter «oração de quietação» sobre as primeiras palavras do Pai-Nosso, passou a andar «sempre em a presença de Deos», com isto crescendo e se abrasando «o seu espirito no amor de Deos que a visitava em traje de menino muitas vezes» e, além doutras «visões celestiaes», «em aquella palavra Ave Maria gratia plena costumava tãobem emlevarse e alguns raptos destes lhe duravão sete horas continuas»<sup>162</sup>. Algo posterior, Soror Luísa de Santo António seguirá o caminho de «tantos santos e santas», pelos exercícios quotidianos da meditação e contemplação, particularmente presencializando e chorando a paixão de Cristo, da qual era devota<sup>163</sup>. Da Madre Isabel de Jesus, dir-se-á que foi regalada com «visões da gloria» e «favores», e entre estes, a «visita»

<sup>159</sup> Cf. Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Frei António das Chagas, um homem e um estilo do séc. XVII*, Lisboa, 1953, 46-51. De toda uma bibliografia coeva sobre as «relaxações» da vida religiosa, lembramos, pelo seu interesse particular, Padre Manuel GUILHERME (O.P.), *Cartas directivas e doutrinaes, repostas de huã Religiosa Capucha e reformada a outra Freyra que mostrava querer reformarse* [saídas sob o nome de Manuel VELHO], Lisboa Occidental, Of. António Pedroso Galvão, 1730.

<sup>160</sup> *Literatura espiritual del Barroco y de la Ilustración in Historia de la espiritualidad*, Barcelona, 1969, t. II, 342.

<sup>161</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes da veneravel Madre Leonor de S. Francisco, primeira e principal fundadora deste Mosteiro das Relligiosas de Santa Clara de Maccao*. Dessas «fundadoras», D. Leonor Filipe nasceu em Toledo em 1583, Belchiora da Trindade tomou o hábito em Manila, donde era natural, e Maria Madalena da Vera Cruz recebeu o hábito «em Cuba, junto de Ilhescas, em o Convento de Soror Joanna da Cruz, o anno de 1590» (cf. fls. 1-59).

<sup>162</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fls. 57-58.

<sup>163</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 70 (*Vida e morte da veneravel Madre Soror Luiza de Santo Antonio, filha de Lopo Sarmento de Carvalho e de D. Maria de Siqueira*).



do evangelista S. João<sup>164</sup>. De uma sua irmã de hábito, falecida em 1645, apesar de virtuosa, ou, justamente porque virtuosa, movendo-se facilmente entre o além e este mundo, consta a referência de que apareceu ao seu confessor jesuíta, revelando-lhe continuar por então penando no Purgatório<sup>165</sup>, e de uma outra que «algumas almas do Purgatório lhe vieram pedir sufrágio para sair»<sup>166</sup>. A vida de duas outras religiosas permite a expressão duma importante diversidade: ambas desejosas de uma mais íntima união a Cristo, Joana da Conceição tinha licença de comungar todos os dias<sup>167</sup>, mas Soror Maria das Chagas, por seus grandes escrúpulos, «muitas vezes se privava de receber a Sagrada Comunhão», tendo para o efeito, no dia em que comungava, «muy extraordinario aparelho»<sup>168</sup>. Neste género de casas e pessoas, o número e crueza dos ataques diabólicos sublinhavam a própria santidade das vidas<sup>169</sup>; assim, Ana do Sacramento, vinda de Manila com as fundadoras, padeceu várias tentações e «veiações do inimigo» e tão «grandes tribulações e escrúpulos» que veio a ficar «lesa do juízo»<sup>170</sup>. E de Marta de S. Bernardino, «no mundo princeza, filha do Rey de Papanga», vinda igualmente de Manila ainda noviça e em 1664 eleita prelada da casa de Macau, diz-se que teve visões angélicas, mas

<sup>164</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 62 (*Vida e morte da Veneravel Madre Isabel de Jesus, Filha de José de Gouvea e Maria de Chaves*).

<sup>165</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 61r.º (*Vida e morte [ a 8/12/1645 ] de Soror Leogarda de Santo Antonio, filha de Antonio Fialho e de Catherina de Siqueira*).

<sup>166</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 64 (*Vida e morte [ a 5/10/1651 ] da muy veneravel Madre Breatiz de Santa Maria que antes de ser religiosa padecoo Martirio em Japão*).

<sup>167</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 60r.º (*Vida e morte [ Março de 1634 ] da Veneravel Madre Joanna da Concepção que veyo de Manila*).

<sup>168</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 70 (*Vida e morte [ a 30/10/1676 ] da Veneravel Madre Soror Maria das Chagas, filha de Antonio Varella de Abreu e de Margarida Cardoza*).

<sup>169</sup> Cf. Carmelo LISÓN TOLOSANA, *Demonios y exorcismos en los siglos de oro*, ed. cit., 56. Com efeito, no *Brognolo*, entre as doze causas apontadas «porque Deos permite vexem e atormentem os Demonios às creaturas humanas», pode ler-se: «Oitavo: para mostrar a virtude e santidade de alguma creatura. Nono: para augmentar os merecimentos à creatura vexada. Decimo: para Deos provar e purificar aos seus escolhidos. Undecimo: para que a creatura tenha o seu purgatorio neste mundo e a gloria certa no outro». Cf. Frei José de Jesus MARIA (O. F. M. Obs.), *Brognolo recopilado e substanciado, com addictamentos de gravissimos authores. Methodo mais breve, muy suave e utilissimo de exorcizar, expelindo Demonios e desfazendo feytichos, segundo os dictames do Sagrado Evangelho. Conforme a mente e doutrina do doutissimo P. Fr. Candido Brognolo, religioso da Serafica Familia. Collegido, rezumido e traduzido da lingua Latina, Italiana, e Hespanhola na Portugueza, para clareza dos Exorcistas e bem dos Exorcizados*, Lisboa Oriental, Of. Ferreiriana, 1725, 22. Esta obra, dedicada ao primeiro patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, seria reeditada em Coimbra, Of. de José Antunes da Silva, 1727. Foi frequente no país até, sinal doutros tempos, ser proibida por edital da Real Mesa Censória de 6 de Abril de 1769. O Candido BROGNOLO (O. F. M.), *Manuale Exorcistarum ac Parochorum*, foi impresso em Veneza, em 1702, *apud Nicolaum Pezzana*.

<sup>170</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 74 (*Vida e morte da R.da Madre Anna do Sacramento*).

também «muitas e grandes perseguições do espirito maligno» que lhe ocasionaram quedas e paralisias<sup>171</sup>.

Um outro convento, de clarissas também, particularmente notável pelas *vidas* que suscitou, foi o Convento do Salvador de Évora, a casa que forneceu os primeiros efectivos humanos para o Convento de Nossa Senhora do Desterro, na Baía - Brasil - fundado em 1677<sup>172</sup>.

Em 1694, Frei António de Almada (E.S.A.) fazia «romper as prisões de um largo silêncio»<sup>173</sup> um livro dedicado a D. Frei Luís da Silva, Arcebispo de Évora; nesta data saíam em Lisboa, da oficina de Manuel Lopes Ferreira, os *Desposorios do espirito, celebrados entre o Divino Amante e sua Amada Esposa a veneravel Madre Soror Mariana do Rosario, Religiosa de veo Branco no Convento do Salvador da Cidade de Évora*. É desde logo significativo que o lisboeta Frei António de Almada, lente de teologia, douto também na mística e director espiritual experiente<sup>174</sup>, aproveitando uma sua prolongada permanência em Évora, se tenha sentido impellido a revisitar as memórias biográficas duma religiosa que a cidade continuava a evocar na auréola de santidade com que havia falecido em 16 de Outubro de 1649, perante grande concurso e devoção popular. Mas mais significativos são o critério selectivo do autor face a esses materiais biográficos bem como as justificações com que esta obra se apresenta à impressão. Quanto a estas, na sua *aprovação*, desde logo se reconhece «que para se imprimirem semelhantes tratados se deve proceder com a cautela que os theologos assim especulativos como mysticos encomendão sobre o exame de revelações privadas»; todavia, atendendo à vida exemplar da protagonista, à sua obediência ao confessor - varão também «de vida aprovada» - à humildade demonstrada perante os favores divinos, e a que «nessas visões nada há contra a fé», antes tudo sendo «ordenado ao melhoramento das almas», os censores julgaram oportuna a publicação<sup>175</sup>. Em 1694, ano em que, por um processo inquisitorial aberto contra o ex-ordinatoriano António de Afonseca, no nosso país, na Beira-Alta, se começava a farejar «molinismo», saía dos prelos esta obra, impressivamente mística, sacrificando a uma enraizada tradição e renovada apetência pelas revelações particulares, mas, curiosamente, exprimindo-se em termos indubitavelmente

<sup>171</sup> B. N. L., *Cod. 178, Vida e vertudes...*, fl. 74 (*Vida, vertudes e morte da Veneravel Martha de S. Bernardino que veyo de Manilla, ainda Novaça*).

<sup>172</sup> António Montes MOREIRA, *Breve história das clarissas em Portugal*, art. cit., 221.

<sup>173</sup> Expressão do autor na «Dedicatória» dos *Desposorios...*

<sup>174</sup> Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, 196

<sup>175</sup> Censuras datadas de Lisboa, do Convento de Nossa Senhora do Carmo, de 12 e 16 de Julho de 1693, assinadas respectivamente por Frei Tomé da Conceição e Frei Manuel da Graça, e do Convento de S. Francisco, de 29 de Agosto de 1693, por Frei João do Espírito Santo.

à defesa e tranquilizantes, por referência a difusos temores e desconfianças ortodoxas, crescentemente suscitadas por tais experiências.

Diz-nos Frei António de Almada que em Évora encontrou alguns livros manuscritos «da vida desta serva de Deus», mas que não lhe pareceu bem «reger esta história» por eles, visto, ignorando-se-lhes o autor, ficar «suspeitoso o credito do que nelles se refere», e outrossim porque notou «no seu estylo alguãs impropriedades», nascidas talvez «ou da pouca fidelidade em quem os trasladou, ou de faltas de estudo em quem primeiro os escreveo». Para melhor descobrir a verdade, foi ao Convento do Salvador, onde vivera Sórora Mariana, e ali achara os «mesmos originaes» por ela escritos, por mandado do seu confessor, juntamente com um processo jurídico de testemunhas, interrogadas depois do seu falecimento. A sua obra impressa era a resultante da conjugação das informações destas duas fontes, com nova divisão e repartição de matérias, mas mantendo a «substância» dos originaes, nomeadamente na transcrição fiel das «locuções do Senhor à sua Serva»<sup>176</sup>.

Como em numerosas outras do género<sup>177</sup>, nesta obra apresenta-nos uma criança com numerosos traços hagiográficos de predestinação. Soror Mariana do Rosário tornara-se no convento do Salvador de Évora a clarissa que sua mãe, falecida tinha ela seis anos, em vão desejara ser<sup>178</sup>. Na sua autobiografia, recordando esses tenros anos anteriores à morte da mãe, reconhecer-se-á privilegiada, escrevendo que então via «que só a graça de Deus» a podia ensinar «em idade tão pouca»<sup>179</sup>. Aos dez anos começou a ter oração mental, «sendo Deus o seu Mestre» - diz-se - embora se revele também que num aposento de casa um seu irmão lhe lia «espirituais doutrinas»<sup>180</sup>. A confissão geral e a entrada em religião representam um estádio completamente novo na vida espiritual da protagonista: Mariana do Rosário vai aceder às «chaves» da união mística com Cristo<sup>181</sup>, e a partir de

<sup>176</sup> Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit. «A quem ler». Somos informados por Mafalda Maria Ferin CUNHA, *A "Fiel e verdadeyra relação que dá dos successos de sua vida a creatura mais ingrata a seu Creador..."*: um género, um texto único, Universidade Nova de Lisboa, 1992, dissertação dact., 24, que na Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora (B. A. D. E., Cód. CV/1-25) existe uma «cópia dos papéis» de Sórora Mariana do Rosário, cuja *Vida* foi completada por Sórora Helena do Espírito Santo, devido às doenças que aquela teve de suportar no último ano da sua existência (falecida a 16 de Outubro de 1649).

<sup>177</sup> Cf. José L. SÁNCHEZ LORA, *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*, ed. cit., 407-414.

<sup>178</sup> Cf. Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit., 5-6.

<sup>179</sup> Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit., 7.

<sup>180</sup> Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit., 14.

<sup>181</sup> «Sentio que o Divino Esposo lhe dizia que fizesse duas chaves, uma para o Eterno Padre, para fechar e guardar o seu coração, e a outra lhe daria a elle para abrir e entrar em sua alma todas as

então aprenderá «a mais alta ciência que jamais se pode imaginar» e «cousas que a língua humana não pode declarar». De uma forma convencional, Frei António de Almada fala-nos dos «raros extasis que costumava ter na oração» e dos «sinais prodigiosos com que Deus os acreditou»; mas o que é de sobremaneira significativo nesta obra, pela intenção pedagógica e cautelara que revela por parte do autor, em tempos novamente revoltos nas coisas do espírito, é que ele tenha querido preceder a descrição dessas maravilhas de Deus na sua «serva» dum solene reparo: só depois de entrada em religião e de largos anos de exercícios de meditação, pelos vinte e cinco anos, «levantou Deus o espírito desta sua Esposa ao sublime e venturoso estado da contemplação», para que assim «entendão as almas que seguem a vida espiritual que he a contemplação a altura a que Deus costuma subir os muito exercitados, e não favor que logo se haja de conceder aos principiantes»<sup>182</sup>.

Esta posição ganha sentido por, implicitamente, se dirigir contra um perigo real: a facilidade com que - sem longos anos de prática de meditação discursiva - mesmo no mundo dos leigos, se ia crescentemente aderindo à contemplação, nomeadamente sob a forma de «oração de fé simples». Sintonizando com Baltasar Alvarez, António de Rojas, Agostinho Baker, e outros paladinos da oração afectiva<sup>183</sup>, nos anos trinta deste século XVII o mercedário Juan Falconi mostrava que a contemplação de «simples vista», apenas com notícia geral e amorosa de Deus, sem discurso, era acessível a todos<sup>184</sup>, em 1664 Francisco Malaval convidava para este tipo de oração principiantes e fiéis sem instrução e, não muito depois, uma ilustre e devotíssima religiosa, recordando provavelmente expressões de Joana de Chantal, exortava uma principiante a passar do discurso à «presença de Deus»<sup>185</sup>. Também Molinos admitia que «nos princípios» pudesse Deus chamar a alma à oração de «pura fé», e na sua obra procurara mostrar, com afã, que a prática da contemplação não tinha limites de tempo nem de pessoas<sup>186</sup>. Mas, condenado Molinos, à data em que se publicam os

vezes que o seu amor a quisesse visitar» - Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit., 43.

<sup>182</sup> Frei António de ALMADA (E.S.A.), *Desposorios do espirito...*, ed. cit., 70.

<sup>183</sup> Cf. Eulogio de la VIRGEN DEL CARMEN, *Literatura espiritual del Barroco y dela Ilustración*, in *Historia de la espiritualidad*, ed. cit., t. II, 359-361.

<sup>184</sup> Cf. Juan FALCONI, *Cartilla segunda para leer sueltamente en Christo*, in *Obras espirituales*, Saragoça, Diego Dorner, s/d., 185-190.

<sup>185</sup> Cf. Catherine de BAR, *Une amitié spirituelle au Grand Siècle, Lettres de Mère Mectilde de Bar à Marie de Châteaueux*, Paris, 1989, 36, 41-42.

<sup>186</sup> «Cuando el alma está ya habituada a discurrir en los misterios, juntándose con la imaginativa y usando de imágenes corporales, siendo traída de criatura en criatura y de noticia en noticia (teniéndola muy corta de la que desea) y de éstas al Criador, entonces la suele coger Dios de la

*Desposórios do espírito* fazia-se justamente sentir toda a força daqueles que aproveitavam o seu descrédito e da sua «escola» de oração para obstem e imporem marcha atrás na divulgação da oração contemplativa<sup>187</sup>. Era o tempo em que Felix Alamin fazia uma descabelada «revisão saneadora» de autores espirituais favoráveis à «oração de fé», temendo que mesmo os «aproveitados», se se desnudassem «de imagines y figuras sensibles y de los discursos de la razon», caíssem nos erros de Molinos<sup>188</sup>.

Neste convento duas outras Marianas se notabilizaram, das quais ficaram memórias manuscritas: podem ler-se a *Vida e revelações da serva de Deus Soror Mariana do Evangelista*<sup>189</sup>, e das «maravilhas» de uma outra, Mariana da Purificação, já professa em 1674, fala-nos o traslado dos seus próprios escritos autobiográficos<sup>190</sup>. A *Vida e revelações de Mariana do Evangelista*<sup>191</sup> freira cuja virtude foi atestada, entre outros, por Manuel Severim de Faria<sup>192</sup>, foi escrita em 1663<sup>193</sup>. Reproduz-nos um quadro típico de luta pela santidade heróica nesta época, entre gente de claustro<sup>194</sup>. Com efeito, a manifestação de dons espirituais extraordinários nesta religiosa (várias visões que teve, raptos e suspensões na oração, espírito de profecia, visão da partida de algumas almas para o Céu) está acompanhada e "autorizada" por penitências muito duras e cruentas e por enormes sofrimentos físicos, vistos como incríveis sevícias com que o Maligno a distinguiu e perseguiu<sup>195</sup>.

mano (si no es que la llame a los principios y la introduzga sin discurso por el camino de la pura fe), y haciendo que deje atrás el entendimiento todas las consideraciones y discursos, la adelanta y saca de aquel estado sensible y material, y hace que, debajo de una simple y obscura noticia de fe, aspire sólo con las alas del amor a su esposo, sin que tenga ya necesidad para amarle, de las persuasiones e informaciones del entendimiento (...) - Miguel de MOLINOS, *Guia espiritual*, «Proemio», ed. crítica de J. Ignacio TELLECHEA IDIGORAS, Madrid, 1976, 108. Cf. Miguel de MOLINOS, *Defensa de la contemplación*, Introdução de Eulogio PACHO, Madrid, 1988, 13.

<sup>187</sup> Cf. Jesus ELLACURIA BEASCOECHEA, *Reacción española contra las ideas de Miguel de Molinos*, Bilbao, 1956, 414-415, e *passim*.

<sup>188</sup> Cf. Felix ALAMIN (O. F. M. Cap.), *Espejo de verdadera y falsa contemplación*, Madrid, Antonio de Zafra, s/d. [1695], 51-57.

<sup>189</sup> B. N. L., *Cód. 535*.

<sup>190</sup> Evocados e descritos por Mafalda Maria Ferin CUNHA, A "*Fiel e verdadeira relação...*", ed. cit., 23, e que podem ser consultados na B. A. D. E. (*Cód. CV/1-20*).

<sup>191</sup> Nasceu em 1602, filha natural do Licenciado Domingos Lourenço do Rego, cirurgião e morador em Évora.

<sup>192</sup> B. N. L., *Cód. 535*, fol. 126.

<sup>193</sup> B. N. L., *Cód. 535*, fol. 90.

<sup>194</sup> Cf. José SÁNCHEZ LORA, *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*, ed. cit., 239-266.

<sup>195</sup> Cf. B. N. L., *Cód. 535*, fls. 46-49. Na fol. 89 diz-se que o Maligno por vezes a tratava muito mal «e arrastava pelos cabellos, dandolhe alguãs pancadas por vezes, de que se lhe virão alguns sinais».

A "conquista do Reino de Deus", sob alento de perspectivas contra-reformísticas<sup>196</sup>, fazia-se crescentemente através da "violência" e do reinvestimento ascético. Este aspecto torna-se-nos palpável, nomeadamente, da leitura de um importante núcleo de *vidas* referentes a religiosas de meados e da segunda metade do século XVII, guardadas na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>197</sup>. Por isso também na *Breve Relação da Fundação e progressos do insigne Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvilla, de Religiosas Portuguezas da Ordem de Santa Brizida*<sup>198</sup>, se debuxam numerosas *vidas* de grandes penitentes, para quem eram familiares cilícios de ferro feitos pela própria «indústria». A oração mental «quase contínua»<sup>199</sup>, a contemplação extática<sup>200</sup> combinam-se com esta fortíssima componente ascética e com uma palpável influência da lição de livros espirituais consagrados. De uma destas religiosas, Madre Isabel das Chagas, professora em 1669, diz-se que se fez «tão versada nas obras de Santa Teresa que parece que as havia decoradas»<sup>201</sup>, um sinal mais da admiração, do culto e do reconhecido impacto mimético deste modelo de vida<sup>202</sup>. Este ardente desejo de leituras, embora «santas» e «aprovadas», se fora das criteriosas recomendações do Padre espiritual, poderá até ser visto como mais uma perigosa insídia diabólica, para a qual urge advertir. É o que vemos numa *vida* do século seguinte: Soror Clara Gertrudes do Sacramento

<sup>196</sup> Cf. Romeo de MAIO, *Riforme e miti nella Chiesa del Cinquecento*, Nápoles, Guida ed., 1973, 257-278.

<sup>197</sup> Cf. v. g.: B. N. L. *Cód. 8466, Vida da Madre D. Joana de Albuquerque* (filha de Matias de Albuquerque, professora no Mosteiro de Lorvão; as datas inscritas nesta autobiografia vão de 1650 a 1668); Antónia Margarida CASTELO-BRANCO, *Autobiografia 1652-1717*, transcrição e prefácio de João PALMA-FERREIRA, Lisboa, 1984 (B. N. L. *Cód. 538*); B. N. L., *Cód. 79, Vida da Madre Soror Maria do Sacramento, marquezia que foy de Aguiar* (falecida a 12 de Janeiro de 1658); B. N. L., *Cód. 89, Vida de Soror Ignacia* (autobiografia - autógrafa? - incompleta, de uma freira, que, segundo informação de uma nota dactilografada, «se vê ter pertencido ao convento fundado em fins do séc. XVI ou nos primeiros do XVII nas casas de S. Matheus, do Conde de Monsanto, e de que foi instituidora D. Luiza de Noronha, 4.<sup>a</sup> neta de el-rei D. Henrique de Castela», tendo sido «escrita em 1672 ou 1673»).

<sup>198</sup> B. N. L., *Cód. 70*. Trata-se de um autógrafa (?) inédito de D. Luís Caetano de LIMA, citado por Diogo Barbosa MACHADO (*Bibliotheca Lusitana*, t. III, 69), e datado de Lisboa, 1732.

<sup>199</sup> Cf. Frei Agostinho de SANTA MARIA (O. S. A. D.), *História da vida admirável e acções prodigiosas da veneravel Madre Soror Brizida de S. Antonio*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1701, 29. Esta «filha espiritual singularíssima» do padre António da Conceição (C. S. J. E.), fundadora e abadessa do Convento de Marvila, pelo seu prestígio espiritual, tornou-se uma espécie de «oráculo» da corte de D. João IV.

<sup>200</sup> Cf. D. Luís Caetano de LIMA, *Breve Relação...*, ms. cit., v. g. *Vida de Soror Mariana de Santa Brizida* (falecida a 29/4/1730), fol. 76.

<sup>201</sup> D. Luís Caetano de LIMA, *Breve Relação...*, ms. cit., fol. 66.

<sup>202</sup> Cf. Alvaro HUERGA, *L'èredità mistica di Santa Teresa e di San Giovanni*, in AA.VV., *Vita cristiana ed esperienza mistica*, Roma, 1982, 331-349.

Ieu S. João da Cruz<sup>203</sup>, entusiasmou-se com as revelações de «sua mestra» Santa Gertrudes<sup>204</sup>, mas desejando alargar as suas leituras, foi o diabo que, «com astúcias de venenosa serpente», transfigurado em luminoso pastor, querendo apartá-la dos ditames do seu director, Frei Afonso dos Prazeres, lhe sugeriu: «Lê pelas moradas de Santa teresa e outros livros que dictarão os Santos, e eu te irei dando lus»<sup>205</sup>...

Por vezes é a autoridade hierárquica que tem de moderar excessos ascéticos, como no convento lisboeta do Santo Cristo, das religiosas capuchinhas francesas, fez o Núncio Jorge Cornaro, conformando-se com pareceres dos Padres Sebastião de Magalhães, provincial da Companhia de Jesus, e Bartolomeu do Quental, fundador do Oratório<sup>206</sup>. Neste convento -

<sup>203</sup> «Vi e li [a mando do director] o que S. João da Crus chama noute escura, em a qual Nosso Senhor custuma provar e purificar as almas muito aproveitadas e dispolas para mais sublime estado interior» - *Vida de Soror Clara Gertrudes do Sacramento* (B. N. L., Cód. 10 655), 183-184.

<sup>204</sup> «No dia que se festeja minha Mestra Santa Gertrudes dezejei ler alguma cousa sua para me afervorar, e senti huma ilustração como preceito em que se me mandava que fosse ter com huma freira muito velha que ja tinha sido duas vezes abadesa, e que lhe pedice o livro da santa que se intitula emsinuaçoems da devina piedade. Fui, mas a velha de nada se lembrava. Eu ainda assim fui a huma caza em que ela quando Abadesa tinha muitos livros. Estava cheia de trastes e não achei o livro, buscando diligentemente; mas saindo para fora desconsolada ouvi que me dizião ao coração: «o livro la está debaixo de hum arcás». Entrei outra vez e dei com ele muito mal tratado, e nele emcontrei hum thezouro, pelas maravilhozas doutrinas que fui lendo, e cada letra ou palavra me penetrava o entendimento e interior, e entrodozia muita lus dentro de minha alma. E quanto mais lia mais gostava, mas toda aquela lus me não deixava cabal satisfação, e só huma admiração pasmada sem pasar dali; não me resolvía entrar de exercicios, assim porque andava muito falta de saude, como porque tinha muito que fazer em ocupaçoems da religião. Mas o certo he que devia cer perguisa, porque pasados alguns dias se dignou a glorioza santa de me aparecer com gloria emcomparavel, e me disse ao emterior com muita clareza: "Se queres emtender e conhecer da sorte pocivel o que comigo hobrou o Senhor dos ezercitos e espozo fiel, emserrate com ele e commigo huns dias, negandote a todas as couzas terrestres, e dispondote assim veras e esprementarás que pelas minhas mãos chovem sobre a tua alma as devinas mizericordias". Estas palavras emfundirão logo em mim fervorozos dezejos de por isto em ezeução, e vencidas todas as dificuldades entrei nos exercicios (...)» - *Vida de Soror Clara Gertrudes do Sacramento*, ms. cit., 160-161. Para uma eventual identificação da versão e edição do livro lido por Soror Clara (que edição da tradução espanhola de Frei Leandro de Granada? Poder-se-á continuar a pensar numa tradução portuguesa?), cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, ed. cit., 1-55, 365-367, 403-405, passim.

<sup>205</sup> *Vida de Soror Clara Gertrudes do Sacramento*, ms. cit., 165.

<sup>206</sup> «Conformando-nos Nós, com o parecer dos mais doutos e principais theologos desta Corte, e principalmente do Padre Sebastião de Magalhaens, Provincial da Companhia de Jesus, e do padre Bartholomeo do Quental, Fundador da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri e comum sentir de muitos sujeitos qualificados do Reino, nos pareceo que seria mayor gloria divina, eercicio de charidade e ainda consolação das mesmas Religiosas do dito Convento, obviar e remediar o sobredito aperto, e reduzir a praxe da Communidade na cura das enfermas aos termos dos Estatutos da Primeira Regra de Santa Clara, Capitulo 4, pelo qual se permite, com licença dos Medicos, às Religiosas comerem carne, estando doentes» - D. José BARBOSA, *Historia da Fundação do Real Convento do Santo Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas, Vidas das suas Fundadoras, e de algumas Religiosas insignes em virtudes*, Lisboa, Of. Francisco Luís Ameno, 1748, 126-127.

no qual as freiras tinham obrigatoriamente pelo menos duas horas de oração mental quotidianamente<sup>207</sup>. foi, entre outras, «de altíssima oração e continua presença de Deos», Soror Bernarda Maria dos Anjos, aqui professora em 7 de Agosto de 1683: «muitas vezes estava de joelhos, mas tão fraca e destituída de forças que se não podia sustentar, e a cada instante se lhe ouvião gemidos, como de quem desfalecia»<sup>208</sup>. Mas os "desejos santos" e as "heroicidades" ascéticas podiam revestir-se de contaminações de amor-próprio e vanglória, pondo em causa todo o edificio de santidade a construir. De uma vez, esta mesma religiosa ordenara a uma sua companheira, «muito perturbada e afflicta com trabalho interior», que lesse «no Padre Alonso Rodrigues os tratados da humildade e da obediência» de cuja lição andava muito necessitada<sup>209</sup>; mas de outra vez, «ouvindo ler de huma serva de Deos que metera hum alfinete pela carne, e admirando-se as companheiras muito de tão penetrante mortificação», não resistiu a responder «que não era cousa de que se fizesse caso, porque já o havia feito, e que não era acção que merecesse reparo, porque era nada»<sup>210</sup>. De resto, reportando-se à atribulada *Vida da Madre Maria de S. Aleixo*, fundadora e primeira abadessa do convento do Santo Cristo<sup>211</sup>, o biógrafo apresenta assinaláveis «mercês» de Deus seguidas e precedidas de «aflições espirituas», «securas e desamparos» - constituindo essa purgação e «martyrio», conforme a melhor tradição mística ortodoxa, um outro instrumento providencial de crescimento nas virtudes, a nível teológico e moral<sup>212</sup>.

Com intenção edificante, ordenando-se à glória divina e ao bem das almas, as biografias e os registos autobiográficos faziam-se precisamente para que se gravassem e conhecessem as «maravilhas» que Deus continuava a suscitar abundantemente na sua Igreja Militante. Por isso nestes escritos se relatam visões, raptos, locuções e revelações particulares; em suma, os aspectos mais inefáveis e extraordinários da forma íntima como, no seu recolhimento, as religiosas experimentavam a presença do Senhor. Muita da linguagem e dos motivos que constam das autobiografias que «por mandato» de directores espirituais escreveram podem encontrar-se noutros textos com «vitalidade» na época: obras hagiográficas de grande difusão, sermões por

<sup>207</sup> D. José BARBOSA, *Historia da fundação...*, ed. cit., 114.

<sup>208</sup> D. José BARBOSA, *Historia da fundação...*, ed. cit., 371.

<sup>209</sup> Tralava-se de Alonso RODRIGUEZ (S. J.), *Exercicios de perfeição e doutrina espiritual para extinguir vícios e adquirir virtudes*, traduzidos por Manuel Severim de Faria e publicados em Lisboa, Of. Paulo Craesbeck, 1648.

<sup>210</sup> D. José BARBOSA, *Historia da fundação...*, ed. cit., 372.

<sup>211</sup> D. José BARBOSA, *Historia da fundação...*, ed. cit., 240-242.

<sup>212</sup> Cf. v. g. S. João da CRUZ, *Noche oscura*, L. 1, Cap. 13, 5, 350, in *Obras Completas*, edição crítica, notas e apêndices por Lucinio Ruano de la Iglesia, O.C.D., B.A.C., Madrid, 1989.



ocasião da profissão religiosa, elogios fúnebres, biografias de crónicas monásticas<sup>213</sup>, mas também e até na iconografia frequentada pelas religiosas<sup>214</sup>. Como facilmente se reconhecerá para a esmagadora maioria dos casos, o conteúdo de uma revelação pode ser reconstituído com base em elementos e noções pré-existentes no visionário em relação à visão tida, sendo certo que alegadas «palavras do Senhor» quase sempre provêm do seu próprio sub-consciente<sup>215</sup>.

O tema da humildade, tão importante em termos hagiográficos, e sempre pedra de toque para distinguir verdadeira e falsa santidade, comparece invariavelmente. Tratando-se de autobiografias, escritas «por mandato» de directores espirituais, em princípio, como escritos de consciência, não se punha em perigo a humildade das autoras, podendo até ser encarada esta escrita como uma excelente ocasião de prática desta virtude, na singela obediência e abertura da alma ao director. Todavia, a admiração suscitada, e uma eventual publicidade poderiam suscitar difíceis tentações de orgulho e presunção. Com efeito, por vezes, vemos protagonistas, testemunhas e biógrafos hesitarem diante de algumas «mercês». Misturar-se-ão várias razões: uma alegada humildade das protagonistas, receio de padecer «ilusão»<sup>216</sup>, a perspectiva de se sujeitarem a inquirições e devassas.

A condenação de Molinos e a saída dos primeiros penitenciados por «molinismo» em Portugal agravou imenso esses receios. Constatámo-lo, por exemplo na autobiografia de Rosa Maria de Santa Catarina, do Convento das Albertas de Évora, de quem se diz que «em 1718 fez de si solemne

<sup>213</sup> Cf. Mafalda Maria Ferin CUNHA, *A "Fiel e verdadeyra relação..."*, ed. cit., 32.

<sup>214</sup> Cf.: Chiara FRUGONI, *Il linguaggio dell' iconografia e delle visioni*, in AA.VV., *Culto dei santi...*, ed. cit., 530-532; Chiara FRUGONI, *Le mistiche, le visioni e l'iconografia: rapporti ed influenze* in AA.VV., *Mistiche e devote nell'Italia tardomedievale*, ed. cit., 127-155; José L. SÁNCHEZ LORA, *Mujeres, conventos y formas de religiosidad barroca*, ed. cit., 265-266.

<sup>215</sup> Cf. Pietro SHIAVONE (S.J.), *Fenomeni mistici, possessione diabolica e parapsicologia*, in AA.VV. *Mistica e Scienze Umane*, Ed. Dehoniane, Nápoles, 1983, 134-135.

<sup>216</sup> Como em tantas outras freiras, anteriores e posteriores, favorecidas, este receio aparece na autobiografia de Maria Micaela de S. Bernardo, a qual nos traça todo um repositório de favores divinos por que passou na oração (*Vida interior da Madre Maria Michaela de S. Bernardo, Religiosa no Real Mosteyro de S. Dionisio de Odivelas da Ordem de S. Bernardo* - B. N. L., *Cód. 540*). Recorrendo à linguagem sanjoanista, por vezes diz-se «abrasada numa chaga viva», explicando que tal inflamação na divina união só acontece se a criatura está «vazia em todo sentido de cousa creada e bem desapegada de si mesma» (58), e que não se chega a tal estado sem «estar despida e desapegada de tudo o creado(...)», sem se deixar primeiro, com toda a vontade, tudo vezível e todo querer, o não querer mais, posta nas devinas mãos do seu devino Esposo (...)» (221). No entanto a Madre Maria Micaela confessa também as «grandes tentações e temores» experimentados «de que os favores que recebia, regalos e suavidades, que heram muitos, fosse tudo iluzam do inimigo» (267). Esta *vida*, provavelmente um autógrafa, inicia-se a 6/8/1731.

entrega a Deus por escripto»<sup>217</sup>. Esta freira, que escreveu sobre «muitas cousas tocantes ao Altissimo Estado de desposorio espiritual e consumado matrimonio»<sup>218</sup>, teve muitas vezes tentação de queimar os seus escritos<sup>219</sup>, sobretudo desde que soube de uma «alma que, depois de subida a grande santidade, se deixou despenhar em mil horrores», «consideração» esta que quase a desanimara<sup>220</sup>. Tratara-se de um religioso «preso pelo Santo Officio por graves culpas» e delas castigado, «cousa que assombrou a quantos o reputavão por virtuoso». Até ao seu falecimento, «poucos anos depois de ter sahido do Santo Officio», e mesmo depois dele, nunca mais Rosa Maria de Santa Catarina esqueceu a imagem e a sorte deste penitenciado, de quem ela percebera que «o maior de seus erros» fora «o querer abonalos» e dizer que eram «licitos»<sup>221</sup>.

Entre tantas mercês narradas nestas *vidas*, muitas delas, como se disse, inspiradas em visões imaginárias e intelectuais de Santa Teresa e em particularidades biográficas doutros grandes vultos místicos, nelas se sugere ou alude por vezes a uma estigmatização «imitativa», sinal talvez, em certos casos, da aguda vivência de um «complexo de crucifixão» por parte de gente frágil e sensível<sup>222</sup>, intensamente devota e concentrada no mistério da Paixão de Cristo e vendo nos estigmas do *Poverello* a mais alta distinção de Deus. Frei Jerónimo de Belém dá-nos conta de uma religiosa franciscana que «fora das obrigações do Coro e outros exercícios, tinha, entre dia e noite, nove horas de Oração Mental»<sup>223</sup>, de uma outra, do mesmo convento, que bastava levantar os olhos para uma cruz para que nela se manifestasse o

<sup>217</sup> Cf. B. N. L. *Cód. 8029*. Este e outros apontamentos identificativos, posteriores, em diferentes letras, encontram-se na lombada do códice. Veja-se o mesmo fenómeno na *Vida de Soror Clara Gertrudes do Sacramento*, ms. cit., 56 e 66. Cf. Pedro Vilas Boas TAVARES, *Portugal e a condenação de Miguel de Molinos: impacto e primeiras reacções*, in *Via Spiritus*, 1(1994), 164-168.

<sup>218</sup> Cf. *Vida de Rosa Maria de Santa Catarina*, ms. cit., cap. 29, fls. 112-116.

<sup>219</sup> *Vida de Rosa Maria de Santa Catarina*, ms. cit., cap. 27, fol. 106v.<sup>o</sup>

<sup>220</sup> *Vida de Rosa Maria de Santa Catarina*, ms. cit., cap. 38, fls. 155-156.

<sup>221</sup> *Vida de Rosa Maria de Santa Catarina*, ms. cit., cap. 38, fls. 156-157. Declara a religiosa: «por muitas cousas-me deu pena a sua morte, ainda que sim me consolou muito a notícia que me deram das grandes demonstrações de arrependimento com que morreu e sinais de alma predestinada que teve». Passaram-se alguns anos, cuidava que este religioso «já estaria no ceo», mas foi-lhe revelado que assim não acontecera, num «recolhimento» que lhe deu numa «segunda feira, primeyra oytava do Espirito Santo» do ano de 1731, estando ela em oração na presença do Senhor Sacramentado. Ofereceu então «humas cousas pela tenção desta alma», rogando a Deus «a aliviasse de suas pennas», mas por ela acabou oferecendo também o jubileu, porque a alma do penitenciado puxou-lhe pelo braço direito e tal lho pediu, «estando ela no coro» (fls. 158 e 163).

<sup>222</sup> Roberto ZAVALLONI (O. F. M.), *Grazia e fenomeni mistici*, in AA.VV., *Vita cristiana ed esperienza mistica*, Roma, 1982, 170.

<sup>223</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica da santa Provincia dos Algarves*, t. I, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1750, 249 (Madre Soror D. Francisca da Cruz).

«dom das lágrimas, à lembrança da Paixão de Cristo»<sup>224</sup>, e entre tantas «justificadas vidas e preciosas mortes», exemplos de maceração do corpo e penitência, dos finais do século XVII e princípios do século XVIII, evoca mesmo o caso de uma religiosa a quem foi preciso «irem à mão» para não ser «homicida de si mesma»<sup>225</sup>.

Sendo a estigmatização um dos aspectos mais delicados, infrequentes e privilegiados da experiência mística<sup>226</sup>, e tendo dado brado o castigo de manifestações fraudulentas, como as da freira da Anunciada, movida a «tantos fingimentos e enganosa» pelos «desejos de a terem por mulher santa»<sup>227</sup>, ou da concorridíssima Ana Rodrigues, beata, viúva, de Lisboa, da ordem terceira de S. Francisco, condenada em 1590, por idênticos motivos, a degredo perpétuo no Brasil<sup>228</sup>, não são de estranhar a hesitação e prudência com que algumas *vidas* se referem a estas matérias.

Antes da morte de Soror Francisca do Sepulcro, do Convento da Conceição de Marvila, «achou-se-lhe no peito huma chaga fresca de cor muito encarnada e sem algum cheiro de que sahião alguãs gotas de sangue puro, supposto que as mesmas religiosas que foram testemunhas de vista, levadas de huma prudente cautela», se não atreveram a contá-lo «por prodígio»<sup>229</sup>. Numa outra biografia, de Violante de Jesus Maria, religiosa do Convento da Madre de Deus, de Lisboa, interessante pelos detalhes familiares e pela equilibrada prudência dentro dos «cânones» do género, o

<sup>224</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica* ..., ed. cit., t. I, 246.

<sup>225</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica*..., ed. cit., t. I, 247 (Soror Ana da Trindade, falecida em 30/5/1703). Não ficam esquecidos alguns outros casos de pura demência, como o da Madre Soror Custódia do Sacramento, que apesar da sua «virtude» não resistiu à tentação de se atirar ao poço do páteo do Mosteiro, escapando com vida porque outra religiosa, considerada louca, gritou, alertando a comunidade (*ibid.*, 254-255).

<sup>226</sup> Cf. ZAVALLONI, Roberto (O. F. M.), *Grazia e fenomeni mistici*, art. cit., 169-170.

<sup>227</sup> Cf. Sentença de Maria da Visitação em Jesús IMIRIZALDU, *Monjas y beatas embaucadoras*, Madrid, 1977, 193.

<sup>228</sup> Ana Rodrigues, entre outros fingimentos, dera a entender que tinha «chagas interiores no lado, mãos e pés», nas quais e na cabeça, na qual tinha «um vinco», sofria grandíssimas dores às Sextas-Feiras, Sábados e Domingos. Na carne, sobre o peito esquerdo, dizia ter miraculosamente impresso o crucifixo e as letras do nome de Jesus. Além dos gravados em cera deste "prodígio", também chegou a dar paninhos com gotas de sangue da sua "chaga" do lado. Trazia «todos enganados», de modo que a Câmara, «tendo-a por santa», lhe fez, à sua custa, «casas novas junto de Santo António dos Capuchos». Entre outras "visões", fingiu que em sonhos vira S. Francisco no Monte Alverne, com as chagas, «o que disse a alguãs pessoas somente para que no mosteiro de Santo Antonio desta cidade se fizesse a festa das chagas». Segundo Rodrigues Soares, «falarem com ella era gibileu, e quem no alcansava cuidava estar já metido no ceo de peis e de cabeça». Mandando-a a Inquisição prender, lhe acharam em casa «muito dinheiro», «conservas», «presuntos», «enxovav», quartos cómodos, embora «na casa dianteira» tivesse posta «huã cortiça com huã pedra a cabesira donde fengia que dormia». Cf. Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 274, e 275-285 («Sentença»).

<sup>229</sup> D. Luis Caetano de LIMA, *Breve Relação*..., ms. cit., fol. 76. Esta freira professou em Outubro de 1660 e morreu em 15 de Outubro de 1702.

biógrafo, seu tio Francisco de Miranda Henriques, que lhe encarece a sua «rara humildade» - alternadamente posta à prova «nos favores e mercês» recebidas de Deus, ou na desoladora falta desses «favores»<sup>230</sup> - limita-se a falar da «presunção que ha de que Soror Vilante sentisse as dores das Chagas de Cristo e de sua Sagrada Paixão»<sup>231</sup>.

Curiosamente, na *vida* de uma notável religiosa franciscana - Madre Maria do Lado, «primeira instituidora» do Mosteiro do Santíssimo Sacramento do Lourical<sup>232</sup> - a graça da recepção das chagas é expressamente reconhecida no texto da própria censura do ordinário para a impressão da obra<sup>233</sup>: estava-se no entanto aqui a 131 anos dos factos

<sup>230</sup> Cf. B. N. L., *Cód. 9895, Vida e Morte da Madre Soror Vilante de Jesus Maria, religiosa do Convento da Madre de Deus, em Lisboa*, respectivamente fol. 125 e fol. 152. Esta biografia foi escrita em 1658. A freira nasceu em Almada a 19/12/1636, filha de Henrique Henriques de Miranda e de Vilante Henriques, nobres, e morreu a 6/7/1657.

<sup>231</sup> Cf. B. N. L., *Cód. 9895, Vida e Morte da Madre Soror Vilante de Jesus Maria*, Cap. 6.º, fol. 166 e sgts.

<sup>232</sup> Cf. *Compendio da admiravel vida da Veneravel Madre Maria do Lado*, Lisboa, Manuel Rodrigues, 1762 (obra dedicada a D. José I pela abadessa e religiosas do Convento do Lourical). Anónima no frontispício, colige-se do prólogo desta obra que o seu texto saiu, na sua «maior parte», da pena do Padre Mestre Frei Bernardino das Chagas (O.F.M.), confessor e director espiritual da religiosa. Um outro biógrafo de Maria do Lado, elogiosamente invocado neste mesmo prólogo, é o oratoriano Manuel MONTEIRO, *Historia da fundação do Real Convento do Lourical de Religiosas Capuchas Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da Veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de algumas religiosas que nelle faleceram com opinião de virtude*, Lisboa, Francisco da Silva, 1750 (cf. Inocêncio F. da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, 1862, t. VI, 65-66); com base no manuscrito de Frei Bernardino das Chagas e nos «relatos das irmãs que com ela conviveram, compilados na primeira vida que se publicou», as Irmãs Clarissas do Mosteiro do Santissimo Sacramento do Lourical promoveram uma recente edição da *Vida da serva de Deus Madre Maria do Lado*, Braga 1981. Esta nova casa de clarissas, observando a 1.ª regra de Santa Clara e «estatutos particulares e mui distintos dos que se observam nos mais conventos da mesma reforma», deve em grande medida a sua espiritualidade, reparadora do Santissimo Sacramento, à reacção desencadeada no país pelo caso do roubo do sacrário da Igreja de Santa Engrácia, ocorrido em Lisboa em 15 de Janeiro de 1631.

<sup>233</sup> Os censores - do Santo Offício, Frei Bernardo António do Valle (O.C.) e Doutor José Cactano (O.C.); do ordinário, Doutor José Tomás Borges; e do Paço, o Padre Teodoro de Almeida (Oratório) - afinam naturalmente pelo elogio da obra e louvor da biografada; sem saírem, no entanto, de posições quase tópicas no seu género, embora o adiantado da data as torne algo significativas. O Padre Teodoro, nomeadamente, sublinha a «grande virtude desta serva», os grandes dons de profecia e dos milagres, «os extasis maravilhosos», os «raptos continuos» e «rarissimas penitências» admiráveis naquele livro. Na censura do ordinário, o autor sublinha sobretudo a humildade de Maria do Lado, «sublimada ao grau de heroica e ao ápice de admirável», como tal, timbre de uma autêntica santidade: «Ela era destituida da mais leve satisfação de si mesma, e mui distante de admitir em seu ânimo aquele ar de vaidade ou ao menos de ténue consolação própria». Eram tais as circunstâncias que nem a crítica «do censor mais austero» descobriria «nas revelações, visões e predições proféticas desta grande Alma, provável ilusão ou falsidade». Grandes tinham sido as «graças extraordinárias» por ela recebidas, uma das quais, «a empenho da sua profunda humildade» conseguiu ocultar; assim, «meditando em a noite de Terça-Feira, 11 de Março de 1631, nas dores de Cristo (...) de repente lhe atravessaram a mão direita, sentindo nella huma dor como se lhe pregassem hum prego, (...) a mesma dor na esquerda e depois

relatados e do primeiro manuscrito no qual esses factos começaram a ser registados, e o património memorialístico referente a Maria do Lado, por certo uma personalidade excepcional, tinha-se credenciado no tempo pelo próprio prestígio da casa a que dera origem, protegida pelos reis da Casa de Bragança<sup>234</sup>. Também na *Crónica Seráfica* podemos ver Frei Jerónimo de Belém recordar memórias do Convento de S. Francisco de Beja, de acordo com as quais nesta casa se finara em 1678 Frei Francisco das Chagas, com chagas no lado, nas mãos e nos pés<sup>235</sup>.

Cumpre sublinhar, todavia, que nesta vida de Maria do Lado estamos precisamente diante de um itinerário de uma beata - Maria Brites - culminando num resultado coroado de reconhecido êxito e felizes resultados: a referida fundação de uma casa de religiosas, professando a primeira regra de Santa Clara<sup>236</sup>. O contacto desta jovem leiga com o seu futuro director espiritual deu-se no contexto de uma pregação «muito frutuosa» realizada por Frei Bernardino das Chagas na Igreja da Misericórdia do Louriçal; segundo este padre franciscano, convencido de ter deparado «com uma obra prima da graça», Maria Brites era já nessa altura favorecida com o dom da contemplação, ficando por vezes extática<sup>237</sup>. Precedendo a cristalização definitiva do projecto religioso que a notabilizaria, de modo análogo a tantas outras pessoas leigas que, tocadas por uma missão ou por uma pregação impressiva ingressavam numa ordem terceira, aconselhada por Frei Bernardino das Chagas, Maria Brites haveria, com algumas companheiras, de passar pelo estágio intermédio do hábito da terceira ordem de S. Francisco<sup>238</sup>. De resto, mais tarde, a própria administração do Mosteiro do Louriçal, casa intentando então colocar-se de acordo com todas as normas canónicas de fundação, haveria de passar, por vontade de D. Pedro II, pelas mãos de um terceiro, D. Francisco Lousada, um galego vindo para Portugal

---

em ambos os pés, como se vira crucificada, e que logo divisara huma sombra, que lhe passara o coração, mas sem dor alguma; que fora tão intenso o padecimento que tivera que os domésticos a acharam como morta, e que assim pedira ao mesmo confessor na seguinte Quarta-Feira lhe administrasse os Sacramentos. Que a Veneravel Madre recebeu naquela noute as Chagas não sofre dúvida, mas consequiu que não fossem vistas (...)». Como interpretar que todas as licenças sejam de Agosto - Setembro de 1758 e a do ordinário apenas de 18 de Junho de 1761?

<sup>234</sup> Sob risco do arquitecto João Antunes, em 1690 foi colocada a primeira pedra do futuro edificio conventual, em cuja construção D. Pedro II gastou 6000 cruzados; a obra ficou concluída em 1708.

<sup>235</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., T. I, 182.

<sup>236</sup> Nascida a 24/6/1605, filha de Maria de Brito e António do Rego, de Torres Vedras, Maria do Lado faleceu a 28 de Abril de 1632.

<sup>237</sup> Cf. *Vida da serva de Deus Madre Maria do Lado*, Braga, 1981, 31-32. Além de ter as medonhas e habituais figurações, Maria Brites revelava também patologias biograficamente interpretadas como aqutes e maus tratos físicos do Demónio (*Compendio da admiravel vida da Veneravel Madre Maria do Lado*, ed. cit., 23)

<sup>238</sup> Cf. *Vida da serva de Deus Madre Maria do Lado*, ed. cit., 32.

no partido de Carlos III e que depois de viúvo havia vestido o hábito de mantelato<sup>239</sup>.

Nas próprias crónicas impressas das grandes religiões poderemos encontrar abundantes exemplos de itinerários de santidade que não ultrapassaram os limites de uma ordem terceira. Em numerosos casos, foi no «estado» de beato que se manifestou a consideração socialmente devotada a pessoas de «singular virtude». Foi este o caso de Ana da Cruz do Menino Jesus. Somos informados de que com ela trataram os Padres Diogo Curado, da Congregação do Oratório, o «venerável Padre Frei Manuel de S. Brás», e de que o Padre José Anselmo, também da Congregação do Oratório, de Estremoz, depois de conhecer a sua virtude, «nem sahia às suas Missoens nem obrava coisa alguma de ponderação sem que primeiro a consultasse»<sup>240</sup>. Ainda criança, fora tocada por uma «doutrina» feita pelo Padre Francisco Garcia (S. J.) na praça de Borba. Fervorosa da sagrada comunhão, «repetidas vezes foi vista extatica depois de haver comungado» na Igreja de Estremós e na dos Congregados, e «só tornava aos sentidos quando lhe mandavão por obediencia que despertasse». Alguns padres sentiram-se obrigados a realizar uma «breve conferência», mas «acharão ser espírito verdadeiro o seu espírito». Em 9 de Dezembro de 1708, já com trinta e três anos, desejando ser filha de S. Francisco na sua terceira ordem, recebeu o hábito de mantelata. Desta fase, pouco mais nos é dito: cantava à imagem do Menino Jesus e sofria nas mãos e nos pés, às sextas-feiras, principalmente, à consideração dos tormentos de Jesus. Passados dois anos falecia e deu-se-lhe sepultura discretamente e à pressa, para se evitar o «tumulto do povo»<sup>241</sup>.

Vivendo no mundo, mas numa lógica de religião, frequentemente as mulheres beatas se abandonavam a sonhos fundacionais. No entanto, esbarravam muitas vezes não apenas com evidentes dificuldades económicas, jurisdicionais, mas também com claras prevenções de ordem sócio-cultural. Tal parece ter ocorrido com Maria Cecília de Jesus, negra, filha de pais forros, nascida na casa dos Condes de Cantanhede em 1610, que não obstante terceira «virtuosa» e dirigida de renomados directores espirituais<sup>242</sup>, viu malograr-se a efémera experiência de um novo

<sup>239</sup> Cf. Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica* ..., ed. cit., t. I, 139.

<sup>240</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica*..., ed. cit., t. I, 135. A crónica aproveita uma «breve relação» da sua vida escrita *in verbo sacerdotis* pelo Rev.º Manuel Rodrigues Ferreira, seu confessor e parente, em 13 de Agosto de 1721.

<sup>241</sup> Cf. Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica*..., ed. cit., t. I, 136-137.

<sup>242</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica*..., ed. cit., t. II, Lisboa, 1753, 431, entre outros, nomeia o fundador do Varatojo, Frei António das Chagas, e o Padre Manuel Fernandes (S.J.), «auctor dos tres tomos *Alma instruida*, e Confessor do Senhor Rey D. Pedro II».

«recolhimento de donzelas» por si «ideado» em Lisboa, apesar da casa de que chegou a dispôr, com seu oratório capaz de Missa, a que se agregaram «muitas filhas da Terceira Ordem da Penitencia»<sup>243</sup>. Acabou os seus dias ao serviço das doentes de um «hospício» ou «Hospital do Menino Deus», do Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, e ao serviço das suas nobres religiosas. Por sua vez, da ordem terceira encabeçada em 1698 no convento de Xabregas e deste hospício saíam a primeira regente e fundadoras do recolhimento de Aldeia Galega, mantelatas da terceira ordem de S. Francisco, vivendo debaixo da jurisdição ordinária, guardando clausura voluntária e com reza do officio divino<sup>244</sup>.

Falando-nos dos «progressos» da Ordem Terceira da Penitencia de Xabregas, Frei Jerónimo de Belém, ao sublinhar o grande número de terceiros «de todos os estados», não esquece uma evocação exemplificativa de todos aqueles para quem a viuvez foi um estímulo à santificação, uma vez que - na sua expressão - enxugando «as lagrimas de huma saudade mundana com as da penitência», puderam segurar «outro melhor estado»: linguagem bem expressiva da forma como o estado matrimonial e a pertença a uma ordem terceira eram geralmente vistos, tanto mais que nos exemplos do autor se trataria de gente que já no seu matrimónio «seguia a vida espiritual»<sup>245</sup>.

No entanto, frequentemente, fazer vida beata e ficar numa ordem terceira não significava senão falta de meios para uma outra «ventura», superior, a que se aspirava: a vida claustral. Tal vemos acontecer na «vida exemplar» da Irmã Catarina Maria da Cruz, tal como no-la transmite o mesmo Frei Jerónimo de Belém, a partir duma «relação de seus confessores».

Nascida em 1689, em Lisboa, de pais pobres, com nove anos começou «a ter oração» ensinada pelo confessor de uma devota mulher, sua madrinha. Vivendo desde os dezassete anos em casa de uns parentes, igualmente pobres, apesar de não saber ler e escrever, como «entendia com intelligencia profunda o que ouvia ler e o que se lhe dizia no confessorario», progrediu rapidamente na vida espiritual, retirando-se «da comunicação das gentes por não perder a paz interior de sua alma», praticando «rigorosas penitencias de celicios, disciplinas e jejuns», consagrando largas horas à oração mental e vocal e andando «sempre na presença de Deos e na meditação da morte»<sup>246</sup>. Fez votos particulares nas

<sup>243</sup> Cf. Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 432.

<sup>244</sup> Cf. Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 436.

<sup>245</sup> Cf. casos da Irmã Vicência Maria de Jesus e do Irmão Sylvestre Gomes da Silva, Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 438-440.

<sup>246</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 441-443.

mãos de Frei Antão do Nascimento (O.F.M.), seu confessor, e a partir daí, tudo no esboço desta vida, até no vestir, no olhar e no andar (de olhos baixos e passando pelas criaturas «como se fossem estátuas»), corresponde ao esquema de vida de uma beata, mortificada pelo bom conceito que muita gente dela ia fazendo, pedindo-lhe orações e que «encomendasse a Deus alguns negócios». Todavia, em correspondência com crescentes desconfianças desses seus tempos, em que não faltou também quem pretendesse «examinar-lhe a vida e medir-lhe os passos», evitou fazer «sociedade com pessoas espirituas»<sup>247</sup>. Em 1716 recebeu o hábito da Terceira Ordem da Penitência, mas é-nos dito que, frequentadora da Igreja das religiosas de Marvila, o seu grande desejo fora viver recolhida no estado de religiosa, explicando-se porquê em breves palavras, mas extremamente expressivas do ascendente que sobre uma beata podia exercer a vida claustral, na medida em que, pela própria dinâmica litúrgica, esta vida era sentida como mais favorável à contemplação e ao antegozo das realidades escatológicas: «pela inclinação que tinha a ouvir as religiosas no seu coro, ajuntando-se o sonoro do canto e a consideração da clausura com a contemplação do Mysterio»..., tudo enfim atraía «os sentidos» a Catarina Maria da Cruz, «fazendo-a como participante de huma gloria desejada»<sup>248</sup>.

Na verdade, apesar das precauções tomadas, não admira que algumas pessoas suposessem «engano» na vida espiritual de Catarina Maria da Cruz, particularmente pela admirável capacidade de prognosticar acontecimentos futuros, pelo conhecimento interior dos seus interlocutores e também por «casos notáveis» resultantes de uma dedicação muito especial às almas do Purgatório, talvez em conexão a devoção, muito franciscana, a Santa Catarina de Génova, cujo *Livro da vida*, incluindo o *Tratado do Purgatório* e um *Diálogo da alma e do corpo*, chegou a correr entre nós, traduzido do italiano<sup>249</sup>. Não apenas intercedia e recebia pedidos de

<sup>247</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 450 e 452.

<sup>248</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 455.

<sup>249</sup> Traduzido de Italiano em *Romãce Portugues pelo Doctor Elias de Lemos*, Lisboa, João de Barreira, 1564. Cf.: António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, n.º 182; José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, ed. cit., t. II, 553-554; José Adriano de CARVALHO (dir. de), *Bibliografia cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, ed. cit., n.º 289. Os exemplos da pregação relativos ao Purgatório tiveram certamente o maior dos impactos nos meios devotos, como parece indiciar a inclusão na edição de 1671 do *Báculo Pastoral de flores de exemplos colhidos de vária & autentica historia espiritual sobre a Doutrina Christã*, do Padre Francisco Saraiva de SOUSA, pároco de N.ª Senhora dos Mártires, em Lisboa, do *Acto de contrição*, de Frei Francisco de AZEVEDO, Comissário da Ordem Terceira do Carmo, e da *Historia do Purgatorio de S. Patricio «e como nelle entrou Ludovico»*.



intercessão pelas almas, mas num ou noutro caso «viu»-as no seu penar ou já a «subir ao céu»<sup>250</sup>.

À imitação de uma outra Santa Catarina - de Sena - de quem era devotíssima e a quem «muito invejava» a graça dos estigmas, sentiu «por muitas vezes intensas dores nas mãos, pés e lado». Mas os principais favores na sua vida espiritual - «visões» e «loquções interiores» - parecem ter ocorrido durante a celebração da eucaristia e após a comunhão, que «por obediência» fazia quotidianamente, apesar dos seus lancinantes escrúpulos. Pobre, inculta, vivendo na casa dos parentes, aparentemente rodeada de circunstâncias adversas ao seu sonho e itinerário de santidade, pelo caminho da ascética e da mística, esta terna devota do «evangelista mimoso» S. João logrou, segundo o seu memorialista, chegar «ao estado de perfeita», correspondendo-lhe um trato familiar com Deus e uma prática ordinária da oração «a que os místicos chamam de *Quiete*»<sup>251</sup>. Talvez não fosse necessário, mas casos como este mostram-nos claramente que, apesar de sujeitas a uma maior "pressão social", também pobres mulherzinhas analfabetas podiam então ter êxito na via mística, ultrapassando as censuras e castigos dos guardiães da ortodoxia...

Não é, evidentemente, caso raro. Poderemos encontrar no nosso país perfis espirituais idênticos, com mais ou menos «favores divinos» ou intervenções «diabólicas», nomeadamente neste privilegiado âmbito das ordens terceiras, em casos de igualmente felizes resultados para o memorialismo hagiográfico<sup>252</sup>. No entanto, como já referimos, na última década do século XVII e ao longo da primeira metade do século XVIII, com incidência particular nas suas três primeiras décadas, os casos bem sucedidos têm o seu contraponto numa numerosa lista negra inquisitorial de nomes de pessoas castigadas publicamente em autos-de-fé por fingida santidade, embustes e picaresca "a lo divino", fenómeno certamente corolário, em boa medida, por um lado, duma grande vulgarização social - e consequente degradação - de ideais e programas de santidade de forte apelo místico, outrora mais confinados e controlados corporativamente, e por outro, de crescente encarniçamento crítico e vigilância por parte da autoridade hierárquica.

O desejo de santidade, em si legítimo e louvável, sendo mal entendido, encaminhado, nomeadamente, no sentido da vanglória e da

<sup>250</sup> Cf. Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 464-466.

<sup>251</sup> Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. II, 450.

<sup>252</sup> Cf. por exemplo «Relação breve da vida e morte da Irmã Isabel da Apresentação, professa na Terceira Ordem Seráfica» em Frei Jerónimo de BELÉM (O.F.M.), *Chronica serafica...*, ed. cit., t. I, Cap. XIV.

estimação social, podia, na prática, como tinham advertido<sup>253</sup> e continuavam a advertir numerosos autores espirituais, constituir uma cilada «do inimigo comum», de ordinário mais fácil entre mulheres humildes e incultas:

«Reparou bem huma Senhora discreta na occasião oportuna de ter sahido penitenciada pelo Santo Tribunal huma embusteira, e disse: Repare-se que quasi todas as mulheres que querem enganar o Mundo, fingindo-se Santas, são de baixa esfera e gente plebea; e rarissima senhora nobre e de bom sangue tem cahido na vileza de semelhantes hypocrizias. Perguntarão-lhe a razão, e disse ella assim: toda a creatura naturalmente deseja conveniencia e estimação; tem os homens muitos caminhos para as conseguir, porque huns se fazem celebres pelas armas, outros pelas sciencias e outros pela santidade. As mulheres, de nossa mesma condição e natural, somos vãs e amigas de que nos louvem; as que nascem ricas e nobres, como já tem no Mundo conveniencia e estimação, não as buscão com invenções, mas as que são pobres, e ordinárias e comuas, como vem que em as tendo por virtuozas e Santas, todos as louvão e lhes dão quanto hãode mister para conveniencia de sua vida, e por este caminho as engana o demonio facilmente, razão porque sahem illuzas e embusteiras, mais do que as ricas e nobres»<sup>254</sup>.

Com efeito, em finais do século XVII, não só certos casos de «ilusão» ou «falsa santidade», como o da dupla Padre António de Afonseca / Arcângela do Sacramento ou o da constituída pelo Padre António Gonçalves, do Porto, com a sua dirigida espiritual (beata cuja santidade proclamara por palavra e escrito e com quem se dispusera a andar pregando de terra em terra<sup>255</sup>), tinham ganho uma classificação teológica nova - molinosiana - que os tornava, do ponto de vista da ortodoxia, mais graves e temíveis ainda, como, com a passagem do tempo, estes e outros casos de «falsa santidade» não deixariam de se multiplicar. Puro embuste, sem o mínimo auto-convencimento, por "expediente" de vida, ou vivência «ilusiva» duma pretensa alta espiritualidade, atenta, a Inquisição foi intervindo.

<sup>253</sup> Noutro contexto, lembremos por exemplo o Cap. XXI do *Aviso de gente recogida* de Diego PERÉZ DE VALDÍVIA (Barcelona, 1585) intitulado «Del grande perigo que hay en estas cosas de arrobamientos y revelaciones, y que casi siempre son sospechosas y más en este tiempo», e o Cap. 19 do *Guia interior* de Juan de JESUS MARIA (O.C.D.), supra citado, «En que se trata cómo se han de haver los confesores con sus hijas de confesión que tuvieren visiones y revelaciones, Y que procuren desviarlas de estas cosas si no las quieren ver ilusas».

<sup>254</sup> Antonio ARBIOL (O.F.M.), *Desenganos mysticos*, trad. de Frei João Pacheco (E.S.A.), Coimbra, 1746 (1.ª edição, Saragoça, 1691), 79-80.

<sup>255</sup> Cf. A.N.T.T., *Conselho Geral do Santo Oficio, Livro 194*, fls. 1-7.

A caracterização sociológica deste tipo de delinquentes, feita pela «senhora discreta» evocada pelo Padre Arbiol é também perfeitamente pertinente para Portugal. Assim, exemplificando com casos do início dos anos vinte do século XVIII, no auto-de-fé celebrado na Igreja de S. Domingos de Lisboa, em 16 de Junho de 1720, vemos sair penitenciada Maria Nunes, solteira, de 27 anos, natural e moradora do lugar de Arranhol, Arcebispado de Lisboa, filha de Domingos Nunes, «que foi lavrador», por «fingir vozes de almas do Purgatorio que se metião em seu corpo, para delle irem para o Ceo», culpa pela qual foi degredada três anos para Castro Marim<sup>256</sup>. Em auto de 7 de Julho do mesmo ano, no Terreiro de S. Miguel, da cidade de Coimbra, saem penitenciadas Maria de Jesus, solteira, de 40 anos, terceira, filha de Domingos Duarte, lavrador, natural e moradora no lugar de Ribavelide, freguesia de Bigorne, bispado de Lamego, «por fingir virtude e publicar revelaçoes do Ceo no centro da sua alma, para o fim de fundar hum Convento de certas Religiozas, e que o Menino Jesus lhe apparecera e lhe dissera o que havia de fazer para a dita Obra», o que lhe valeu a pena de três anos de degredo na cidade de Miranda, sem mais poder entrar no lugar de Ribavelide, e Mariana Teresa de Jesus, de 45 anos, solteira, filha de Miguel de Araújo Barbosa, sombreireiro, natural da freguesia de Parada de Todea e moradora na de Santa Leocádia de Travanca do Douro, bispado de Lamego, «por fingir virtude, extazis, revelaçoes, e fallas interiores com Deos, para o fim de ser reputada por virtuozza e estimada dos fieis»<sup>257</sup>. A 10 de Outubro de 1723, em Lisboa, em auto celebrado na Igreja de S. Domingos, no meio de um grande número de pessoas castigadas «por judaísmo», sai penitenciado um casal «invençoneiro»: Gregório Álvares, de 33 anos, lavrador, natural e morador no lugar dos Cumes, freguesia dos Chãos, prelazia de Tomar, e sua mulher, Maria Simoa, de 25 anos, ela por «fingir revelaçoes do Ceo e vizoens de Nossa Senhora, ele por as «aprovar» e «inculcar»; o marido foi sentenciado a um degredo de três anos, no «Reino do Algarve», e a mulher de cinco<sup>258</sup>. No entanto, frequentemente, o fingimento mistura-se com outras «culpas», explicáveis, nomeadamente, pela atracção de práticas supersticiosas, pela impreparação doutrinal ou por desequilíbrios psíquicos presentes nos mesmos sujeitos. Neste mesmo auto fizeram «abjuração de vehemente» e

<sup>256</sup> Biblioteca Pública Municipal do Porto, Ms. 822, *Lista [impressa] das pessoas que sahiram... no Auto publico da Fé que se celebrou na Igreja do Convento de S. Domingos desta Cidade de Lisboa Occidental, em Domingo 16 de Junho de 1720.*

<sup>257</sup> B. P. M. P., Ms. 822, *Lista [impressa] das pessoas que sahiram... no Auto publico da Fé que se celebrou no terreyro de São Miguel da Cidade de Coimbra em Domingo sete de Julho de 1720.*

<sup>258</sup> B. A. D. E., *Cod. VI/1-43*, fls. 285 e 286.

sairam publicamente com mordação, a receber açoites, dada a especificidade dos seus delitos, duas mulheres: Catarina Amarela, solteira, de 42 anos, filha de Domingos Gonçalves Amarelo, torneiro, natural e moradora em Vila Nova de Fozcôa, «por fingir vizdões e revelações, prezunção de ter pacto e trato com o Demonio, proferir horrendissimas e hereticas blasfemias contra Christo nosso Senhor, o Espirito Santo e a Santissima Trindade, e fazer desprezos e desacatos a Imagens sagradas» e Maria Direita, solteira, de 32 anos, filha de João Martins Moreno, almocreve, natural e moradora na mesma vila, pelas mesmas culpas, que lhes valeram, além dos açoites, oito anos de degredo, respectivamente em Miranda e Castro Marim<sup>259</sup>. No auto-de-fé celebrado em Lisboa, a 6 de Maio de 1725, na Igreja de S. Domingos, faz «abjuração de vehemente» uma Maria de Santo António, solteira, de 43 anos, filha de Manuel Luís, lavrador, moradora no lugar de Ferreiros, freguesia de Santiago da Mouta, bispado de Coimbra, por «fingir revelações e favores de Deos» e proferir «proposições hereticas e blasfemeas hereticas e injuriosas contra Deos Senhor nosso, e a pureza de sua Mãe Santissima», pelo que lhe coube uma pena de açoites e sete anos em Castro Marim<sup>260</sup>.

No mesmo auto da Igreja de S. Domingos de Lisboa, de 16 de Junho de 1720, em que foi penitenciada Maria Nunes, saíram a açoitar duas outras mulheres: Maria Lopes, de 51 anos, casada com Francisco Lopes, ferreiro, natural e moradora em Casal das Donas, freguesia do Castelo de Penalva, bispado de Viseu, e Joana Maria de Jesus (Madre Joana), solteira, de 42 anos, terceira de S. Agostinho, filha de Estevão da Mota Santiago, que fora ourives, natural e moradora na cidade de Viseu, sentenciada a primeira a dez anos de degredo, na Ilha do Príncipe, e a segunda aos mesmos dez anos, na Ilha de S. Tomé; uma e outra eram culpadas de se fingirem santas «com muytas visoens, revelações e favores extraordinarios de Deos», mas foram muito mais pesadamente castigadas, fazendo abjuração «de vehemente» suspeitas na fé e ficando-lhes para sempre interdito entrar nas dioceses de Viseu e Lamego, onde tinham delinqüido, porque, tal como no caso da beiroa Arcângela do Sacramento, nos respectivos processos se misturavam «escandalosos e execrandos erros de Molinos»<sup>261</sup>.

No entanto, denominador comum em quase todos estes casos é, sem dúvida, a sedução da aura pública de santidade e de espectaculares experiências extáticas. Joana Maria de Jesus, elemento chave de um importante núcleo «quietista» desmantelado pela Inquisição, rezando,

<sup>259</sup> B. A. D. E., *Cod VI/1-43*, fl. 286.

<sup>260</sup> B. P. M. P., *Ms. 822, Lista [impressa] das pessoas que sahiram... no Auto publico da Fé que se celebrou na Igreja do Convento de S. Domingos desta Cidade de Lisboa Occidental em Domingo seis de Mayo de 1725.*

<sup>261</sup> Cf. *Lista* deste auto supra referida.

fechava os olhos e parecia que estava como morta ou adormecida. Sentava-se num tamborete posto sobre uma esteira, no meio de uma sala, rodeada pela comitiva de outras beatas, suas amigas e familiares, e, fechados os olhos, transportava-se à «presença de Deus», enquanto as circunstantes choravam intensamente; depois de «acordar» e abrir os olhos, abraçava as pessoas presentes, recomendando-lhes que amassem a Deus<sup>262</sup>. Como se poderá ver do seu processo, este amor a Deus não se sentia diminuído com o apego carnal às criaturas... Para tudo havia justificações espirituais. Precisamente por isso, perante estes brotos de «molínistas», tão significativamente presentes em autos dos citados anos, além do princípio da autenticidade, implícito em qualquer "desmascaramento" público de «hipocrisia», «fingimento» ou «embuste», se invocava a defesa de outros importantes princípios, como o livre arbítrio, a solidez dos pressupostos morais e ascéticos tradicionais da vida cristã e o papel da hierarquia na orientação das condutas dos fiéis... Evocava-se a imagem de um heresiarca e doutrinas condenadas na *Coelestis Pastor* de Inocêncio XI. Este tipo de «hipocrisia» não poderia deixar de ter um muito mais pesado castigo.

Pedro Vilas Boas Tavares

**Summary:** *This work draws on available data and factual examples (particularly from the feminine social sphere) to establish the relationship between, on the one hand, a growing search for sanctity during the XVII century and the first half of the XVIII, and, on the other hand, the proclamation of silent prayer and contemplation which should be practised by the secular world. Due to these circumstances and concurrent fear of degradation of spiritual life, we try to describe in this research work the need felt in that period to warn, identify and repress the ecclesiastical authorities responsible for the promotion of "true sanctity" and persecution of the "false one", stressing that, in spite of the important role played in social life by a growing number of "intercessors" and "beatified persons", time did not create an autonomous and specific lay spirituality, but instead the continuous appeal for religious and cloistral models prevailed.*

<sup>262</sup> A. N. T. T., *Inquisição de Coimbra, Proc.º 3351*, fl. 154.

